



CIDADES FASCISTAS

Fascist cities

Tarso Cabral Violin

Universidade Federal do Paraná - UFPR, Curitiba, PR, Brasil

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4779417195636005>

E-mail: tarsocv@gmail.com

Trabalho enviado em 10 de março de 2022 e aceito em 17 de agosto de 2022



This work is licensed under a Creative Commons Attribution 4.0 International License.



Rev. Dir. Cid., Rio de Janeiro, Vol. 15, N.04., 2023, p. 1844-1888.

Tarso Cabral Violin

DOI: 10.12957/rdc.2023. 65891 | ISSN 2317-7721

RESUMO

Fascismo é um movimento político ou um regime de governo antidemocrático/ditatorial/totalitário, não sendo apenas conservador/reacionário, mas contrário ao Iluminismo, Renascimento, modernidade, cosmopolitismo, racionalismo, liberalismo político e todas as conquistas civilizatórias e das revoluções burguesas, republicanismo, direitos fundamentais individuais/sociais e direitos humanos, ideais de igualdade e liberdade substanciais, fraternidade, democracia liberal/social, e à ciência. Defende uma nação de privilegiados sem a interferência dos inimigos dessa nação, que são as minorias políticas, como as mulheres, negros, indígenas, gays, pobres, deficientes, imigrantes e refugiados, defensores de ideologias de esquerda ou pessoas com religiões diferentes; com a liderança do chefe acima das instituições, sem a divisão de poderes; e defende o neoliberalismo. Os movimentos fascistas que podem transformar um país em um Estado sob regime de governo fascista, podem também caracterizar uma cidade como fascista ou com tendência fascista, caso seus dirigentes sejam fascistas, ou tenham uma sociedade fascista. Grandes cidades brasileiras não estiveram e não estão livres de movimentos fascistas, assim como cidades mais conservadoras/reacionárias de todas as regiões do país, em especial no sul. O objetivo do presente estudo é subsidiar o debate brasileiro sobre o tema, com a utilização de método dedutivo, com tipologia qualitativa, de pesquisa básica, exploratória, bibliográfica e acadêmica, por meio de análise crítica e com apoio de pesquisa bibliográfica.

Palavras-chave: Fascismo. Anti-iluminista. Reacionarismo. Conservadorismo. Cidades fascistas.

ABSTRACT

Fascism is a political movement or an anti-democratic/dictatorial/totalitarian regime of government, not only being conservative/reactionary, but contrary to the Enlightenment, Renaissance, modernity, cosmopolitanism, rationalism, political liberalism and all civilizing achievements and bourgeois revolutions, republicanism, fundamental individual/social rights and human rights, ideals of substantial equality and freedom, fraternity, liberal/social democracy, and science. Defends a nation of the privileged without the interference of that nation's enemies, which are political minorities, such as women, blacks, indigenous peoples, gays, the poor, the disabled, immigrants and refugees, defenders of left-wing ideologies or people with different religions; with the leadership of the chief above the institutions, without the division of powers; and defends neoliberalism. Fascist movements that can transform a country into a state under a fascist regime can also characterize a city as fascist or with a fascist tendency, if its leaders are fascists, or have a fascist society. Large Brazilian cities have not been and are not free from fascist movements, as well as more conservative/reactionary cities in all regions of the country, especially in the south. The objective of the present study is to support the Brazilian debate on the subject, using a deductive method, with a qualitative typology, of basic, exploratory, bibliographic and academic research, through critical analysis and with the support of bibliographic research.

Keywords: Fascism. Anti-enlightenment. Reactionism. conservatism. Fascist cities.



INTRODUÇÃO

Em pleno Século XXI volta-se a discutir o pêndulo da política mundial e brasileira com seus períodos democráticos, autoritários e momentos em que há riscos para a democracia. Na atualidade há movimentos autoritários e reacionários que vêm adquirindo força e adeptos, e muitas vezes são chamados de movimentos fascistas que defenderiam a institucionalização de um Estado Fascista. Entretanto, o termo “fascismo” pode ser utilizado no sentido amplo, como ideário antidemocrático, e em sentido mais estrito, com características mais específicas, como o ideário reacionário, totalitário, de Estado máximo, com a defesa de um militarismo sem críticas, armamentismo, guerra ao inimigo interno e externo, ataque à política e aos políticos, ataque às instituições democráticas, como os Parlamentos, o Poder Judiciário e à imprensa, entre outras características. E essa confusão entre os sentidos amplo e estrito ocorrem entre os doutrinadores mais clássicos, do período do início do fascismo italiano entre os anos 1920 e 1950, até entre os pensadores mais recentes. Nesse debate pode-se também incluir as cidades, com uma pergunta importante para o presente estudo: há cidades com políticas fascistas?

O objetivo do presente estudo é subsidiar o debate brasileiro sobre o tema, sobre a existência de cidades fascistas, com a utilização de método dedutivo, com tipologia qualitativa, de pesquisa básica, exploratória, bibliográfica e acadêmica, por meio de análise crítica e com apoio de pesquisa bibliográfica.

I. O FASCISMO

Quando se estuda os regimes de governo, há os democráticos e os totalitários/ditatoriais. Os regimes não democráticos, antes denominados de despóticos, tirânicos ou absolutistas, no século XX são chamados de Estados totalitários ou ditatoriais, entre eles os governos de direita da Alemanha nazista de Hitler e da Itália fascista de Mussolini, o stalinismo soviético ou as ditaduras do Estado Novo de Getúlio Vargas (1937-45) e civil-militar pós-golpe de 1964 no Brasil.¹ Ranieri (2019) entende que o totalitarismo se opõe ao liberalismo pois é a expansão ilimitada do poder político, no qual a sociedade e o Estado, como organismos éticos, são superiores ao indivíduo. Para ela o conceito de Estado totalitário não coincide com os de Estado autoritário ou autocrático, embora possam ser combinados entre si, pois no Estado totalitário o poder estatal se subtrai à vontade da maioria, enquanto que no autoritário o domínio do

¹ Carlos Marighella entendeu que o AI-5 durante a ditadura militar foi fascista. MAGALHÃES, Mário. Marighella: o guerrilheiro que incendiou o mundo. São Paulo: Companhia das Letras, 2012, p. 415.

poder é realizado em nome próprio.² Citando Hannah Arendt, informa que ao contrário dos despotismos anteriores, os indivíduos são desunidos e formam a “sociedade de massas”, em que a preocupação com o interesse de um grupo ou de uma classe é substituído pelo interesse de cada um, sem interesses comuns e não se filiam a partidos políticos ou outros coletivos. Lembre-se que para Schmitt (2009), em seu livro *A Ditadura*, existe o conceito de ditadura comissária, da Roma antiga, uma ditadura com poderes excepcionais, transitória, com poderes limitados, que apenas suspende a Constituição, e a ditadura soberana, que transforma a Constituição, com poderes ilimitados e permanentes do ditador.³

Lewandowski (2004) entende que poder é a capacidade que algo ou alguém tem de produzir efeitos no universo físico ou no mundo social, sendo o poder social a capacidade de moldar a conduta das pessoas, numa relação entre pessoas, existindo vários tipos de poder, com o comportamento moldado por vontades distintas, que agem com maior ou menor eficácia segundo o modo com que são exercitadas, com coação, recompensa ou persuasão, e esse poder social atua com maior abrangências na política, o poder político.⁴ Lewandowski lembra que os antigos gregos denominavam de *arete* a virtude de uma pessoa a um só tempo corajosa, valorosa e honrada, com conhecimento racional do bem, e que qualquer riqueza ou coisa útil às pessoas, deriva dessa virtude, que se transforma em virtude cívica, com um alargamento da cidadania e da participação popular na gestão das *polis*. Valores transmitidos às futuras gerações por meio da *paideia*, técnica pedagógica que oferecia o conhecimento necessário para a vida em harmonia consigo mesmo e com os demais integrantes da comunidade política, ensinando a mandar e obedecer, sobre o fundamento da justiça, segundo Lewandowski (2005). O fascismo e os fascistas, ao serem contrários ao iluminismo, como veremos, podem ser considerados como anti-*arete* e anti-*paideia*.

² Falcon disserta os vários entendimentos sobre totalitarismo, desde que os entendem que apenas fascismo é totalitarismo, e não o stalinismo, e outros que o nazismo foi totalitário, mas o fascismo italiano não. FALCON, Francisco José Calazans. *Fascismo – novas e antigas ideias*. In: PARADA, Maurício (Org.). *Fascismos: conceitos e experiências*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2008, pp. 11-28.

³ Sobre Carl Schmitt ver BUENO, Roberto. *Introdução ao pensamento e à obra de Carl Schmitt*. Youtube do Sistema de Justiça e Estado de Exceção, Grupo de pesquisa Sistema de Justiça e Estado de Exceção da PUC/SP, do professor responsável Pedro Serrano. 10.08.2020. Bueno entende que fascismo, de forma mais ampla, é a organização para matar, deixar morrer e contemplar a morte em escala gigante. Sobre ditadura e totalitarismo, ver também FALCON, Francisco José Calazans. *Fascismo – novas e antigas ideias*. In: PARADA, Maurício (Org.). *Fascismos: conceitos e experiências*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2008, pp. 11-28.

⁴ Max Weber entende que existem três razões que justificam a dominação, a tradicional, a carismática e a racional-legal. WEBER, Max. *Economia e sociedade*, 4ª ed. Brasília: UnB, 2000, p. 142-147. WEBER, Max. *A política como vocação*. In: WEBER, Max. *Ciência e Política: duas vocações*. São Paulo: Martin Claret, 2004, p. 60. Analisamos o tema em VIOLIN, Tarso Cabral. *Terceiro Setor e as Parcerias com a Administração Pública: uma análise crítica*, 3ª ed. Belo Horizonte: Fórum, 2015, p. 73.

Note-se que quando se trata de Democracia, é o regime democrático explicitado por Lewandowski (2018), não apenas no sentido formal, mas compreende a participação do povo no poder, o sufrágio universal, o império da lei, a separação dos poderes, a garantia das liberdades públicas, o governo da maioria, a expressão das minorias, o direito de oposição, com o bem-estar público e a justiça social, não sendo atingida a democracia sem o preenchimento de certos requisitos prévios de ordem econômica e social, sem privilégios, sem iniquidade social. E para Almeida (2019):

Há desafios intrínsecos à própria ideia de Democracia, que é o desafio de como conciliar valores próprios da Democracia tais como tolerância, pluralismo, respeito à oposição minoritária no regime em que prevalece a maioria, como conciliar todos esses valores, com dar um tratamento que acolha eventualmente forças antidemocráticas e que se valem da Democracia para, uma vez chegando ao poder, destruir, ou pretender destruir, o próprio sistema, qual o limite da Democracia na sua própria defesa?

Não há dúvida sobre a onda antidemocrática que assola o mundo e o Brasil. Levitsky e Ziblatt (2018) analisam a democracia e o autoritarismo nos Estados Unidos da América e em vários outros países, mostrando que a morte da democracia atualmente quase não se dá nas mãos de homens armados, como em golpes militares rápidos, como no Chile contra Allende, mas com líderes eleitos, com os regimes democráticos decaindo aos poucos, quase de forma imperceptível, como no Peru, Venezuela, Hungria ou Rússia. As Constituições e outras instituições nominalmente continuam vigentes, as pessoas votam, os jornais existem e autocratas eleitos mantêm um verniz de democracia enquanto corroem a sua essência. Informam que os Estados Unidos da América estão nesse caminho, com a eleição de Donald Trump (Partido Republicano) em 2016; e que isolar *outsiders* demagogos extremistas populares exige coragem política, o que não teve o Partido Republicano, por medo, oportunismo ou erro de cálculo, ao trazer um extremista como candidato presidencial, normalizando as eleições. Isso gerou um perigo para a democracia, quando os partidos políticos devem ser os guardiões dela, pois são a verdadeira proteção contra autoritários. Entendem que para a identificação de políticos antidemocráticos, há quatro sinais de alerta como os que: (a) rejeitam, em palavras ou ações, as regras do jogo democrático. Rejeitam a Constituição ou querem violá-la, aumento de número de magistrados na Corte Constitucional para domínio político, proibição de organizações, restrição de direitos civis/políticos básicos, golpes militares, restrição do direito de voto de minorias, protestos de massa destinados a forçar mudanças no governo, tentam silenciar figuras culturais e tentam minar a legitimidade das eleições; (b) negam a legitimidade dos oponentes. Descrevem seus rivais como subversivos ou opostos à ordem constitucional, rivais são ameaças à segurança nacional ou modo de vida predominante, ou são criminosos ou agentes estrangeiros; (c) toleram e encorajam a violência. Laços com gangues ou milícias, estimulam ataques a



oponentes, e sem punição a apoiadores, e elogiam atos de violência do passado ou em outros países; e (d) dão indicações de disposição para restringir liberdades civis de oponentes, inclusive a mídia. Apoiam leis que restrinjam protestos ou críticas, ameaças contra rivais e elogios a medidas repressivas no passado ou em outros lugares no mundo.

Levitsky e Ziblatt informam que nenhum candidato preencheu nenhum dos quatro critérios no último século, nem mesmo Richard Nixon, mas apenas Trump.⁵ Defendem que as salvaguardas constitucionais não são suficientes para garantir a democracia, mas sim as regras não escritas, informais, que são a tolerância mútua e a reserva institucional (evitar ações que violam o espírito das leis), e essas regras começaram a ser quebradas pelos republicanos, gerando a posterior eleição de Trump. Por fim, defendem uma frente única de democratas, da esquerda a centro-direita, para que barrem os inimigos da democracia, com políticas universalistas voltadas para a desigualdade econômica, evitando políticas que apenas beneficiem minorias, para evitar estigmas raciais e ressentimentos.⁶

⁵ O Chefe do Poder Executivo federal no Brasil atual parece se enquadrar em todas essas opções, pois já se manifestou contra a democracia, é contrário aos direitos humanos/fundamentais constitucionais, defendeu aumento de cadeiras no STF para poder dominá-lo politicamente, quer cortar dinheiro para ONGs ambientais contrárias às suas políticas de destruição do meio ambiente, defende o golpe militar de 1964, atacou dinheiro para a cultura para artistas adversários políticos, questionou a legitimidade das urnas eleitorais, negou a legitimidade do ex-presidente Lula de ser seu concorrente nas eleições de 2018, e entende que qualquer adversário político é subversivo ou corrupto, diz que movimentos sociais são terroristas ou contrários à segurança nacional, entende que qualquer proposta mais progressista ou liberal política é contrária à vida predominante das majorias, entende que os médicos cubanos são agentes estrangeiros, encoraja que seus seguidores hajam com violência contra seus adversários políticos, tem ligações com as milícias do Rio de Janeiro, defende a não punição de apoiadores e familiares, elogia a ação de torturadores da ditadura militar, faz ataques sistemáticos contra as mídias que não sejam de extrema-direita e apoia aplicação de lei de terrorismo contra adversários. Ainda, Bolsonaro foi beneficiado por decisão do STF que cancelou milhões de títulos eleitorais por falta de biometria, principalmente no Nordeste, onde o então candidato tinha menos votos. Bolsonaro ainda foi beneficiado por um ataque a faca durante a campanha, o que posteriormente o nominou como ataque terrorista contra ele, o que acabou ajudando na divulgação de seu nome como uma vítima de um inimigo político. Levitsky e Ziblatt ainda informam como foi a eleição e o governo de Alberto Fujimori no Peru (com o que nos parece com muitas semelhanças com Bolsonaro), pois Fujimori não conseguiu que nenhum partido grande o indicasse, os peruanos se mostravam enojados com os partidos estabelecidos e não viam nele alguém íntimo das elites, discurso populista que capitalizava esse ódio, na posse disse que o país enfrentava a mais profunda crise de sua história republicana, à beira do colapso, com corrupção e terrorismo, era outsider, só tinha uma vaga ideia do que fazer no governo, poucos amigos entre os caciques políticos, eleito, descobriu que aqueles que havia atacado e derrotado ainda controlavam muitas alavancas do poder. Começou de forma turbulenta, com o Congresso não aprovando leis, preferia governar sozinho, a partir de seu laptop, optou por governar por decreto, xingando parlamentares e juízes, acabou dissolvendo o Congresso e virando um tirano.

⁶ Rubens R. R. Casara entende que “o fascismo é cinza, monótono, enquanto a democracia é multicolorida e em constante movimento”. CASARA, Rubens R. R. Apresentação. In: TIBURI, Marcia. Como conversar com um fascista, 6ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2016, p. 11-15.



Mas não é qualquer autoritarismo ou ditadura que pode ser caracterizada ou denominada como fascismo, como defende Falcon (2008) e, por isso, a importância de se estudar o tema para uma devida delimitação.

O fascismo surge na Itália, influenciado pela *Action Française*, idealizada por Charles Maurras, que era um monarquista não absolutista, capitalista, contrarrevolucionário e defendia um nacionalismo integral. A história inicial do fascismo italiano se confunde com a própria história de Benito Mussolini - cujo pai era um socialista ateu - e inicialmente fazia parte do comitê central do Partido Socialista Italiano (PSI), mas perdeu votação interna ao defender a entrada da Itália na Aliança com o Império Alemão e Império Austro-Húngaro, renunciou ao cargo de editor-chefe do jornal oficial do partido, o *Avanti!*, e fundou em 1914 seu jornal *Il Popolo d'Italia* e foi expulso do partido.⁷

Il Popolo d'Italia fazia parte de um movimento de esquerda de sindicalistas nacionalistas pró-guerra contra o Império Austro-Húngaro recém formado em 1914, o *Fascio Rivoluzionario d'Azione Interventista* (Liga Revolucionária de Ação Intervencionista), com apoio de empresários interessados nos lucros da guerra (Fiat, a fabricante de armas Ansaldo). *Fascio* (um feixe de varas, sendo que feixe é o conjunto de objetos unidos) não era um termo novo na esquerda italiana ou europeia e remete à *fasces* latina, uma ferramenta simbólica, uma lâmina de machado atada a um conjunto de varas que era carregada à frente dos magistrados romanos, um símbolo de força que nasce da união, e essa união para os romanos representava o Estado, e para a esquerda do séc. XIX representava a união do povo.⁸ Marianne, a mulher ícone da revolução francesa, foi retratada várias vezes com a *fasces* à mão, união solidária do povo contra a aristocracia e o clero, e grupos de italianos se organizavam em conjuntos chamados *fasci*, plural de *fascio*. Enquanto os austríacos ofereceram Trieste e Trentino para que a Itália ficasse neutra, a Tríplice Entente ofereceu Trieste, Trentino, assim como a península da Ístria, as ilhas Dodecaneso e influência sobre a Albânia, acordado no Tratado de Londres, nunca cumprido. Saldo com três anos e meio de guerra, 600 mil mortos, um milhão de soldados feridos (22 mil incapacitados), com a

⁷ Seus companheiros de partido o acusaram de traidor e que ele teria recebido suborno francês para mudar de opinião (o PSI defendia neutralidade) e erguer seu próprio jornal. Mas há o depoimento de colega de Mussolini de que tenha sido apenas instinto político, e não suborno ou convicção ideológica. Sobre o tema é essencial a consulta à obra de DORIA, Pedro. *Fascismo à brasileira - como o integralismo, maior movimento de extrema-direita da história do país, se formou e o que ele ilumina sobre o Bolsonarismo*. São Paulo: Planeta, 2020, p. 16-58.

⁸ Segundo Falcon os feixes foram um dos símbolos dos jacobinos franceses durante a revolução de 1789 e foram também usados durante o Risorgimento italiano; em 1890 os camponeses sicilianos formaram associações agrário-revolucionárias autodenominadas *fasci rivoluzionari* e, em 1917, surgiu o *Fascio Parlamentare*, de tendência racional radical. FALCON, Francisco José Calazans. *Fascismo – novas e antigas ideias*. In: PARADA, Maurício (Org.). *Fascismos: conceitos e experiências*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2008, pp. 11-28.

perda de 7% da mão de obra masculina. Em 1919 foi assinado o Tratado de Versalhes, nos termos determinados pelo presidente estadunidense Woodrow Wilson, humilhando os derrotados e alguns vencedores, como a Itália, que ficou apenas com Triste e Trentino, o que já havia sido garantido mesmo se ela não entrasse na guerra, o que tornou o país numa nação dividida e ressentida. O final da guerra aflorou a identidade italiana, unificada há menos de 50 anos, a economia não ia bem, os latifundiários liberais dominavam o parlamento, a cisão entre esquerda nacionalista e os marxistas internacionalistas (financiados pelo governo alemão) aumentou, com aumento da insatisfação nas ruas, inclusive pessoas com ensino superior empobrecidas contrárias ao liberalismo e socialismo. Jovens voltavam da guerra sem empregos e pobres, sem moradia, com incapacidade para entrar no serviço público, concorrência com o trabalho feminino, acostumados com a hierarquia, disciplina e lealdade militar, com uma luta de classes ao contrário – nas palavras de Michels – um desejo das camadas médias de retornar à antiga e mais segura posição, a superioridade sobre o proletariado.⁹

O poeta Gabriele d'Annunzio juntou dois mil veteranos de guerra e partiu para Fiume (península da Ístria), que era do Império Austro-Húngaro, mas que o presidente estadunidense, ao invés de ceder para a Itália, queria repassar para o novo país Iugoslávia. As tropas aliadas foram expulsas e o poeta reacionário e saudosista da Roma imperial governou o Estado Livre de Fiume por quinze meses, mas o governo italiano não quis anexar a região ao seu território. A maioria dos seus homens eram os *arditi*, soldados de elite do exército italiano na I Guerra Mundial, com camisas negras, braços inclinados e mão espalmada para baixo, na saudação romana dos tempos do Império. Deram a forma estética do fascismo.¹⁰

Enquanto isso a esquerda socialista e anarquista radicalizava com greves e esperança de uma revolução, e conquistava cadeira no parlamento e conquistas políticas. O primeiro-ministro era um político tradicional de centro. Camisas negras começam a incendiar sindicatos, sem intervenção dos *carabinieri* (polícia).

Em 23 de março de 1919, em Milão, Mussolini criou a primeira *Fascio* e começaram a existir *Fasci di Combattimento*, grupos de camisas negras que atacavam grevistas e jornais de esquerda. Mas era a

⁹ Além de Doria, sobre o tema é essencial o livro de PACHUKANIS, Evguiéni B. Para uma caracterização da ditadura fascista. In: PACHUKANIS, Evguiéni B. Fascismo. São Paulo: Boitempo, 2020, p. 25-55 e 57-61.

¹⁰ Se Doria chama o poeta de reacionário, Pachukanis diz que d'Annunzio era um combinado de diversas matizes, um suposto revolucionário, que ajudou muito o fascismo e abriu caminho para Mussolini, nacionalista, chauvinista, mas que na Constituição da província de Carnaro, composta pelo poeta, encontramos direito ao trabalho, igualdade plena, estabelecimento de salário mínimo, princípio da função social da propriedade privada, conquistas da democracia e do socialismo jurídico.

esquerda que crescia eleitoralmente, com o discurso de que a burguesia foi a culpada pela guerra. Mussolini foi candidato a deputado e não se elegeu, e os socialistas ganharam fácil dos fascistas (160 mil contra 4 mil votos no país). Aos poucos os membros de cada *Fascio* começavam a ser chamados de fascistas. A *Fascio* de Ferrara, sistematizada graças ao seu líder Italo Balbo, criada em 1920, começa a crescer com apoio de grandes latifundiários e classe-média empobrecida e bem educada, queriam uma solução dura contra os grevistas, pela ordem, mesmo que não viesse do governo, com mortes de vários socialistas e poucos fascistas, e terror contra sindicatos, que começaram a perder força para os fascistas. Para Pachukanis “a burguesia industrial está pronta para fazer um acordo com qualquer um que lhe convenha, apenas para estabelecer a ‘ordem’” e “a burguesia, mesmo a mais liberal, está pronta para fechar um acordo com qualquer um que lhe convenha, com qualquer condotiero, bastando que seja capaz de salvar sua sagrada propriedade” e “o fascismo entra em cena no papel desse salvador”. Em 1920 (em maio havia 100 *fasci* e 30 mil membros e dezembro 8 mil *fasci* e 150 mil membros) e 1921, inspirados na *Fascio* de Ferrara, começam as demais *fasci* a se fortalecerem no país, a influenciarem o governo, e começam a ganhar cadeira no parlamento dos socialistas, com a eleição de Mussolini e crescimento de filiados fascistas. Se opunham à burguesia e aos socialistas, esses queriam uma sociedade igualitária e sem classes, os fascistas focavam os interesses de uma nação unida. Em 1921 já deixando de lado qualquer invólucro antiplutocrático e revolucionário, abraçando o capitalismo, com o discurso de Mussolini pela “seleção dos mais valiosos, a igualdade entre os mais capazes e o sentimento desenvolvido de responsabilidade individual” (lembrando que um ano antes defendiam oito horas de trabalho, salário mínimo, seguridade social, aumento dos impostos diretos, confisco de bens de Igreja, confisco de 85% dos lucros de guerra e pesada taxaço sobre o capital), abandonaram também o discurso republicano (agora a monarquia representaria a continuidade histórica da nação) e anticlerical. Em 1922 Mussolini já tinha sob seu comando o maior exército privado do mundo, e seu alvo não eram mais os sindicatos, mas o governo. Foram assumindo a força governos municipais (vários eram ocupados por socialistas), os socialistas ainda tentaram radicalizar as greves, mas os fascistas encerraram movimentos de esquerda. Pachukanis informa que a greve-geral de agosto de 1922 fracassa com as organizações fascistas com terror e fura-greves, ao ponto dos fascistas darem ao governo 48h para barrar a greve, se não usariam suas próprias forças. Com medo de ter menos policiais e soldados (8 mil) do que os milicianos vindos do norte (de 60 a 100 mil), receio de não ter o apoio dos militares, que eram simpáticos aos fascistas, e medo de perder a coroa, o rei Vittorio Emanuele III, ao invés de assinar o Estado de Sítio solicitado pelo Primeiro

Ministro, derrubou o premiê e convidou Mussolini para o seu lugar, que chegou ao poder e foi o mais jovem Primeiro-Ministro italiano.

Pachukanis informa que inicialmente os burgueses apoiam o golpe, Mussolini não fecha o Parlamento e a burguesia participa do governo, sendo mantida a Constituição liberal e a liberdade de imprensa. Mas Mussolini não dissolve as milícias fascistas, a torna uma instituição pública que presta juramento ao rei, mas subordinada ao líder fascista. Mussolini aprova medidas defendidas pelos burgueses, com a redução do aparelho estatal, aboliu o Ministério do Trabalho, funde o Ministério da Economia e Fazenda, suprime postos de ministros aliados, dissolve a Guarda Real, reduziu o efetivo inflado das estradas de ferro, equilibrou o orçamento, efetivou uma série de desnacionalizações (telefonía, radiotelégrafo e encomendas), aboliu o monopólio do fósforo e o imposto sobre a herança, aboliu a aposentadoria por idade, retirou a jornada de 8 horas e promoveu o aumento de uma hora diária e, com a derrota do movimento operário, permitiu a redução do salário do operário italiano a um dos menos da Europa, com o crescimento da produção e do mercado capitalista entre os anos de 1924 e 1925, com redução do desemprego e elogio dos banqueiros e da imprensa estadunidense ao regime fascista, mas em 1926 a recessão e desemprego voltam, gerando descontentamentos. Em 1924, com o assassinato de um líder parlamentar socialista moderado após discurso duro contra o governo fascista (os fascistas temiam a publicação de documentos denunciando seus negócios sujos e extorsões de alguns bancos, segundo Pachukanis), parte importante do Parlamento composta por socialistas e liberais renunciaram, pressionando que o rei dissolvesse o Parlamento e convocasse novas eleições, que não o fez. A frágil democracia italiana foi sendo desconstruída, em 1929 os partidos foram abolidos, e o partido fascista começou a se confundir com governo e Estado, um Estado corporativista.

O parlamentarismo foi suprimido, foram extintos governos locais em comunidades com população inferior a 5 mil habitantes, substituídos por oficiais nomeados por Roma, foram proibidas sociedades secretas como a Maçonaria (para agradar o Vaticano), confiscados os bens de imigrantes, legislação que previa o afastamento de servidores públicos que no cumprimento de suas obrigações e na sua vida privada não estivessem de acordo com o governo fascista, legislação que permitia o fechamento de órgãos de imprensa, após uma advertência, e responsabilização material dos editores e tipógrafos; e uma lei de 1926 com o intuito de extinguir os sindicatos e matar definitivamente a influência da Confederação Geral do Trabalho e das associações católicas, e proibição de eleições nas organizações.¹¹

¹¹ Em 1925 ocorreu greve dos metalúrgicos e os fascistas foram derrotados nas eleições dos comitês de fábricas, e a legislação de 1926 instituiu o sindicato único para cada ramo de produção, e deviam ser fascistas, contribuição sindical obrigatória para o Estado e prefeituras, mesmo para não sindicalizados, com proibição de organizações

Uma repressão legalizada e uma arbitrária, com atividade punitiva dos órgãos oficiais do Estado fascista e o trabalho paralelo dos bandos fascistas. O novo estatuto do partido fascista de 1926 previa que o fascismo “é uma milícia a serviço da nação” com um juramento para os ingressantes de cumprimento das ordens do líder não escolhido e imutável e servir a causa com todas as forças, inclusive com sangue. E os fascistas, ao fecharem toda a imprensa não fascista, expressaram com satisfação que a partir dali “devesse pôr fim na utopia estúpida de acordo com a qual cada um pode pensar com a própria cabeça”, pois “a Itália tem uma única cabeça”, um cérebro, que é o do líder, e “todas as cabeças dos traidores devem ser cortadas sem piedade”, e os traidores podem ser punidos com exclusão do partido e de todas as organizações econômicas (Pachukanis 2020 e Doria 2020).

Como se verificou, o fascismo é um movimento iniciado na Itália no período entre guerras mundiais, em período de recessão econômica mundial, que acabou influenciando mudanças políticas outros países. Falcon alerta que há os que entendem que existiu apenas o fascismo italiano, outros ampliam o fascismo para o nazismo, e existem os que ampliam como regimes fascistas outros autoritários.¹² Atualmente se discute se há um retorno a esse ideário no âmbito mundial, em decorrência da ascensão ao poder de governantes de vertente autoritária.¹³ São vários os autores que estudaram o fascismo, desde o seu surgimento.

As primeiras análises sobre o fascismo foram realizadas por autores como o marxista Togliatti (1978), o qual entende que o fascismo é uma disputa inter-imperialista, na qual a esquerda não precisaria se preocupar. Outra autora essencial para entender o início do fascismo é Zetkin (2019), que retrata o fascismo já como um movimento de massas, e que os seus defensores não estariam sendo enganados. Muito baseado em Zetkin, Trótski (2013) também analisa o fascismo como movimento de massas. Gramsci (1999) talvez realize a análise mais aprofundada, ao retratar o fascismo não apenas como fenômeno da luta de classes, mas como uma decomposição da sociedade capitalista e democrática, também como fenômeno de características culturais italianas, como por exemplo o autoritarismo paterno

profissionais de militares, trabalhadores dos meios de comunicação e estradas de ferro e de professores, possibilidade da existência de sindicatos não reconhecidos sem poder de negociação e acordos, arbítrio governamental obrigatório e proibição de greves e locautes, com castigos especiais para greves políticas, com todos os conflitos entre capital e trabalho devendo ser decididos pelo Judiciário, proibição de organizações profissionais mistas com empregadores e empregados. Os industriários não queriam a existência de qualquer sindicato de trabalhadores. Pachukanis também analisa o uso de sindicatos pelegos (“amarelos”) e fura-greves pelos fascistas.

¹² Falcon informa que Stanley Payne e Guillermo O’Donnell não entendem que o salazarismo português foi fascismo, mas sim um autoritarismo burocrático. FALCON, Francisco José Calazans. Fascismo – novas e antigas ideias. In: PARADA, Maurício (Org.). Fascismos: conceitos e experiências. Rio de Janeiro: Mauad X, 2008, pp. 11-28.

¹³ Sobre o tema ver HORTA, Fernando. Decifrando o fascismo. Youtube do Ópera Mundi. Aula de 30.06.2020.



e dos padrões. Também como análise inicial do fascismo devemos estudar o próprio Mussolini (2019), que acabou reproduzindo muito os escritos de Gentile (2019), retratando o fascismo como uma revolução de terceira via, que se opõem ao socialismo/comunismo e ao liberalismo, aproveitando da organização e arregimentação dos socialistas e a manutenção da propriedade privada liberal. Doutrina um pouco menos rasa do que a do líder nazifascista Hitler (2001).

Além das análises iniciais do fascismo, posteriormente muitos pensadores fizeram estudos sobre o tema, analisando sob a perspectiva da luta de classes, a tentativa de explicação sobre a participação de trabalhadores e sindicalistas nos movimentos fascistas, a análise se aconteceria fascismo sem capitalismo e sem democracia. Entre as explicações não marxistas, há análises psicológicas, filosóficas, culturais e morais. Sob o ponto de vista psicológico, quem melhor analisou o fascismo foi Reich (2001), em seu “Psicologia de massas do fascismo”, no sentido de que o fascismo é desejo e repressão, a interposição entre os mundos público e privado, quando as massas não conseguem perceber que percepção e realidade são coisas diferentes, enquanto que fascismo diz que são as mesmas coisas. O fascismo como processo de empoderamento psicológico que acontece dentro das casas, com uma família autoritária. No âmbito filosófico Arendt (2012) trata da banalização do mal, o processo de desumanização do outro, quando a pessoa não vê mais problema em causar o mal ao outro. O fascismo não é racional, sem consciência de consequência dos seus atos. No aspecto cultural, Mosse trata da institucionalização da ideologia, do nacionalismo como antirracionalismo e a construção no século XIX da ideia de pátria. Pátria não como população, não como povo, mas definida pelos poderosos, com emoção pela bandeira do país, mas sem sensibilidade social, a Pátria que acolhe e é acolhida, exige participação, mas te protege. No aspecto moral, De Felice (2019) elaborou a melhor biografia de Benito Mussolini. Trata do fascismo como movimento, sem criticar negativamente, e como regime, com críticas negativas. Como uma revolução das expectativas de classe média, uma espécie de “Mussolinismo”, como componente moral.

Há também muitos autores contemporâneos sobre o fascismo. Polanyi é essencial ao tratar como funciona o fascismo, uma espécie de religião política, com ruptura definitiva entre o capitalismo e a democracia, sem uma divindade, mas apenas a Pátria e o Estado. Adorno trata da personalidade autoritária, da criação da escalada fascista, do antissemitismo, do conservadorismo, do autoritarismo, do cinismo, da projeção, da autodestruição e da sexualidade. Lipset entende que fascismo é sinônimo de extremismo, e pode ser de esquerda ou direita, mas com argumento fraco. Nolte, sobre o fascismo como resistência à transcendência, que toda a estrutura social é fazer com que o ser-humano consiga entender sua posição, que o fascismo é questão menor, do não saber, do conservadorismo, do não mudar, do não

fazer, do não querer olhar para trás na caverna do Platão, um fenômeno meta-político.¹⁴ Griffin trata o fascismo como um extremismo nacionalista como forma de segmentação e reconstrução da nação após um período de crise, e enfatiza a criação do mito fascista, a Nação para separar, o que acaba gerando minorias políticas que apoiam o nazismo. Deleuze e Guattari estudam o fascismo em nós mesmos, os micros fascismos, com uma aproximação com a psicanálise, sobre como as massas podem desejar ser reprimidas e o cuidado que se deve ter para que sociedades aparentemente sãs não virem fascistas. Para eles, sociedades sãs, nas quais as instituições funcionam, há um controle das características fascistas; e o fascismo combinaria com o liberalismo, no qual há esfera pública e privada, e não precisaria entrar na pública, com uma repressão do Estado e psicológica. Albright (2018), cuja obra é um pouco mais política do que científica, trata do iliberalismo de Zakaria, usando o termo fascismo para vários regimes, de forma muito ampla, na esquerda e na direita,¹⁵ sendo tudo o que não é capitalismo liberal.

Orwell (2017) entende que não existe apenas um fascismo e há bastante confusão no tema, pois nem todo fascismo é belicoso no sentido de resolução dos problemas econômicos por meio de guerras e conquistas, como em Portugal ou nas ditaduras sul-americanas, e em nem todos ocorreu o antissemitismo. Em 1944 ele ainda não conseguia definir o termo de forma satisfatória, sendo contra o uso do termo apenas como um palavrão.¹⁶ Note-se que Agamben (2004) alerta que, tecnicamente, o fascismo e o nazismo não foram ditaduras, uma vez que tanto Mussolini quanto Hitler foram investidos ou nomeados chefes de governo pelos legítimos chefes de Estado da Itália e Alemanha. Para ele, o que caracteriza tanto o regime fascista quanto o nazista é o fato de terem deixado subsistir as Constituições

¹⁴ Horta gosta da análise de Nolte, mas esse foi bastante questionado por historiadores, que o acusam de tentar justificar o fascismo. HORTA, Fernando. Decifrando o fascismo. Youtube do Ópera Mundi. Aula de 30.06.2020. Quem também analisa a obra de Nolte é Falcon, que informa que Nolte entende que o comunismo e o fascismo expõem, de maneira radical, as contradições do liberalismo, pois o extremismo universalista do bolchevismo provoca o extremismo particularista do nazismo, sendo o fascismo antimarxista e o nazismo um fascismo radical. FALCON, Francisco José Calazans. Fascismo – novas e antigas ideias. In: PARADA, Maurício (Org.). Fascismos: conceitos e experiências. Rio de Janeiro: Mauad X, 2008, pp. 11-28.

¹⁵ Pedro Cardoso também defende que há fascismo de direita e de esquerda. CARDOSO, Pedro. Pedro Cardoso Eu Mesmo: em busca de um diálogo contra o fascismo brasileiro. Rio de Janeiro: Record, 2019, p. 147 e 106. Para ele “o fascista é um impotente”. Obra citada, p. 147.

¹⁶ Sobre o nazismo, Orwell informa que a esquerda e a direita concordavam na noção de que o nacional-socialismo era tão somente uma versão do conservadorismo e que mesmo depois de Hitler no poder a esquerda ainda proclamava que Hitler não tinha importância e que o “fascismo social”/democracia liberal era o verdadeiro inimigo. E que Hitler foi financiado pela indústria pesa para esmagar o socialismo e o comunismo, que ele seria o herói que se autossacrifica para lutar sozinho contra todas as impossibilidades, e que enquanto o socialismo e o capitalismo (mesmo que mais relutante), oferecem uma vida boa, Hitler ofereceu luta, perigo e morte, e mesmo assim a nação se atirou a seus pés. Obra citada, p. 27-35. Lembre-se que o Partido Nazista é criado em 1921, chega ao poder em 1933 e com Hitler como ditador em 1934.

vigentes, fazendo acompanhar, num Estado Dual, a Constituição legal de uma segunda estrutura, não formalizada juridicamente, que existia ao lado da outra graças ao Estado de Exceção.

O jurista russo Pachukanis (2020), considerado o mais importante teórico marxista do Direito, escreveu entre as décadas de 1920 e 1930 textos essenciais sobre o fascismo, até ser morto pelo regime stalinista, artigos reunidos no Brasil na obra “Fascismo”.¹⁷ Entende que o fascismo é uma ideologia que defende o poder forte, a disciplina e a ordem, uma ditadura dos grandes industriais e do capital financeiro (e seus subordinados da pequena burguesia da juventude acadêmica da intelectualidade técnica e de servidores públicos), e não da pequena burguesia de artesãos de lojistas ou dos latifundiários, e nele a dominação de classe não se apresenta apenas como a sujeição de uma parte da população à outra, mas assume a forma de uma dominação estatal oficial. Para ele o fascismo não é uma doutrina intelectual ou filosófica, pois tem natureza primitivista com caráter fragmentado e contraditório, sendo influenciado pelo elitismo, aristocratismo, chauvinismo, nacionalismo, antissemitismo, etc. O fascismo de Mussolini desprezava as doutrinas, os princípios e os programas, tinha propostas práticas, e seguia um caminho negacionista contra a doutrina socialista e democrática e contra a Revolução Francesa, sendo pouco original, pois os reacionários já eram contrários a essa revolução.

Pachukanis tem um conceito mais específico de fascismo, não alargado, com ações de repressão mediante arbitrariedade, perseguições, prisões, mortes, destruições e condenações empreendidas não apenas pelos órgãos oficiais do Estado, **mas também pelos bandos fascistas milicianos**, enquanto que no bonapartismo e em outras ditaduras a repressão é legalizada, como para ele, na época, era a Hungria, Bulgária, Espanha, Lituânia, Polônia, e até a Alemanha no momento pós-primeira guerra, que ainda buscava salvar suas instituições estatais, enquanto que na Itália o poder estava no partido fascista. O fascismo, quando no poder, atua como um **Estado dentro do Estado**, que não se estabiliza com uma burocracia impessoal, mas como uma organização que dita sua vontade ao governo ou simplesmente ocupa lugares nos órgãos estatais e, por isso, ao contrário da expectativa do grande capital e da burguesia liberal, Mussolini não suprimiu nem dissolveu as milícias fascistas.

Como já informado, para Pachukanis, entre os subordinados apoiadores dessa ditadura do grande capital que é o fascismo, estão os **servidores públicos**. Informa que os teóricos fascistas diziam que se a

¹⁷ Sobre o autor e seus textos sobre fascismo ver MASCARO, Alysson Leandro. Prefácio. In: PACHUKANIS, Evguiéni B. Fascismo. São Paulo: Boitempo, 2020, p. 9-24; MAGALHÃES, Juliana Paula. Orelha. In: PACHUKANIS, Evguiéni B. Fascismo. São Paulo: Boitempo, 2020, orelha; e MASCARO, Alysson; MAGALHÃES, Juliana Paula. Fascismo, de Pachukanis. Youtube da TV Boitempo. 05.11.2011. In: <https://www.youtube.com/watch?v=-aKEXFQiWoc>, acessado em 04.01.2021.

Burocracia indicaria a queda das ideias feudalistas e medievais de Estado, a burocracia fascista não submetida a uma “desintegração revolucionária” seria a portadora de uma encarnação das ideias do antigo Estado alemão e a ideia de comunidade, o que parece ser algo anti-iluminismo e antirrevoluções burguesas como a francesa, inglesa e estadunidense: “essas fantasias reacionárias dos estudiosos burgueses mostram que a burguesia deixou de acreditar nos princípios de livre concorrência que defendia, no parlamentarismo, e que se esforça para vestir o trapo semirreto da ideologia medieval, feudalista”.

Mas quando da implantação do fascismo no Estado e na Administração Pública, o regime não se estabiliza com uma burocracia impessoal de servidores públicos profissionalizados, mas como uma organização miliciana que manda no governo, no Estado e na Administração Pública. Inclusive, é criada lei que prevê o afastamento de servidores públicos que no cumprimento de suas obrigações e na sua vida privada não estivessem de acordo com o governo fascista.

O jurista critica análises de que o fascismo é o enfraquecimento do Estado e de suas instituições em favor das organizações, associações e milícias armadas fascistas, visão que pode levar a luta antifascista a uma volta à defesa do Estado burguês, pois o autor defende a tomada do poder estatal para o fim do próprio Estado. Para ele as milícias fascistas não estão dissociadas das instituições estatais, pois essas não se enfraquecem, pois há uma majoração do poder estatal, aumentando o aparato para a guerra, a repressão/intimidação, a salvação dos bancos e a dependência da população miserável de assistenciais estatais mínimas (“migalhas miseráveis do serviço social”), citando a até o caso brasileiro de destruição do café, para salvar o capitalismo, enquanto pessoas passam fome. Ele entende, inclusive, que os sociais-democratas se associam com o fascismo, chama aqueles de social-fascismo, assumindo uma leitura stalinista em texto de 1931. Critica os autores que diferenciam **sociedade** (*Gesellschaft*), advinda de relações artificiais e individualistas, com tensões mútuas e que se orienta por estratégias futuras e pelo lucro; de **comunidade** (*Gemeinschaft*), resultante de vínculos orgânicos coletivos, laços sanguíneos e que se funda nas tradições do passado. O absolutismo, o fascismo e o bolcheviquismo seriam todas ditaduras que valorizariam a comunidade contra a sociedade. Mas para Pachukanis esse conceito de comunidade afasta a possibilidade da luta de classes, amálgama o todo social e impede conflitos na sociedade capitalista.

Para o autor apenas a superestrutura está em questão no fascismo (contra o sistema parlamentar, a democracia, as liberdades e o campo político), sendo que o capitalismo e a exploração burguesa permanecem intocados, sendo substituídos os partidos políticos por organizações terroristas do capital, paramilitares e militares.



Crítica os teóricos que tentam relacionar as políticas de extrema direita com o marxismo, com a propalada semelhança na política (Marx também criticava a democracia burguesa – apenas não valorizava o Estado) e nos princípios econômicos (capitalismo de Estado reformista).

Para ele o fascismo italiano é uma ditadura de um líder, de dominação pura, enquanto que no nazismo a ideia de domínio parte do princípio da comunidade, da subordinação orgânica da parte ao todo.

Por fim, Pachukanis critica a socialdemocracia (chamada por ele de social-fascismo) que bloqueou a revolução socialista alemã com a República de Weimar, salvou o capitalismo e depois foi destruída pelo Nazismo.

A característica talvez mais marcante do fascismo, para Pachukanis, é o uso da organização de massa, além da organização disciplinada, construída à maneira da guerra. Luta pelo poder, por todos os meios, incluindo os que violam a legalidade existente. Alimentada da luta e conflito constantes entre fascistas e antifascistas, uma ditadura partidária, o que o diferencia de outras ditaduras ou autoritarismos, como o bonapartismo do golpe francês de 1851, calcados no exército.

O fascismo persegue e enfraquece partidos de esquerda na Itália que eram fortes por meio de vários governos municipais e sindicatos ativos em lutas e greves, aglutina o grande capital e latifundiários, quando toma o poder, afasta revoluções e defende um poder forte e a liberdade de circulação do capital, com rebaixamento salarial e crescimento na produção, sem reorganizar a economia em termos de um nacionalismo econômico soberano, permitindo desnacionalizações, com imperialismo internacional em sintonia com o imperialismo inglês a serviço do interesse do capital. Para Pachukanis “a essência do fascismo é a ofensiva aberta contra a classe operária com todos os métodos de coerção e de violência; é a guerra civil contra os trabalhadores” e as críticas fascistas ao capitalismo não são com relação à exploração e não querem derrubar o poder do capital.

Para o jurista o socialismo não será gestado pelo capitalismo de Estado burguês, pelo Direito ou por instituições, e quando a dominação burguesa for ameaçada, mais ela precisará do Estado de Direito que se transformará em sombra incorpórea até que o agravamento excepcional da luta de classes revele a essência do poder como violência organizada de uma classe sobre as outras, quando o humanismo da burguesia dá lugar ao apelo à severidade, a uma mais ampla aplicação da pena de morte. Segundo o autor o fascismo não é apenas um fenômeno localizado no Estado, mas também no tecido político e social contra a classe trabalhadora, servindo de âncora de salvação dos grandes capitalistas. Para Alysson Leandro Mascaro “é verdade que a burguesia, no limite, teme o poder arbitrário do fascismo, mas os

benefícios da quebra dos movimentos dos trabalhadores fazem-na aceitar um governo subordinado a uma hierarquia dirigida pelo líder fascista”.

No entre guerras Pachukanis já deixava claro que o regime de guerra não conseguiria se estabilizar em longo prazo, e para ele a solução do fascismo não é o capitalismo, mas sim o socialismo, mas defende o combate ao fascismo mesmo quando a classe trabalhadora não esteja madura para a revolução proletária.

Se o fascismo, além de anticomunista/socialista, é antiliberal, por que a burguesia apoiou o fascismo? Pachukanis pergunta “se a sociedade burguesa não estava ameaçada por um perigo direto, por que, ainda assim, foi estabelecida uma ditadura fascista?” e informa que a marcha de Roma foi organizada de acordo com os líderes dos partidos nacionalistas, representantes dos grandes proprietários e dos bancos, com o rei e com o alto-comando militar, sendo que os liberais rapidamente tomaram parte do golpe, com a esperança de que Mussolini rapidamente voltaria aos métodos constitucionais.

O autor critica teóricos liberais que comparam fascismo e bolchevismo, como Kelsen, o qual diz que os dois repousam sobre um único e mesmo princípio: uma minoria eleita que dita a vontade dos demais diferencia fascismo de comunismo. Para Pachukanis, por mais que tanto o comunismo-leninista quanto o fascismo critiquem no conteúdo a democracia burguesa, na forma o comunismo se revela como ditadura de classe do proletariado para estabelecer um novo sistema de relações produtivas, enquanto que a ditadura fascista é totalmente distinta na medida que é uma tentativa de manter as formas sociais capitalistas, buscando retardar seu definhamento: “o fascismo é fruto do estágio imperialista do desenvolvimento capitalista, no qual este último manifesta traços de estagnação, parasitismo e decadência” e “no lugar do entorpecente social-reformista, coloca-se a demagogia fascista como meio de dominação de massas”. Assim, para Mascaro, “não basta a coincidência pontual de alguma crítica para estabelecer uma equivalência”, pois é radical a distinção na forma, “a ação política revolucionária em vista da superação das formas capitalistas *versus* a ação política reativa que busca saltar essas mesmas formas”. E Pachukanis dizia que na Itália fascista não havia forças para fazer cair o fascismo, e “nenhum regime, não importa o peso de seus crimes, quão grandes eles foram, jamais caiu devido a eles”.

Para Pachukanis é uma “insanidade científica” dos teóricos nazistas dizerem que nazismo e comunismo são semelhantes na questão da ditadura, pois o fascismo, para ele, “tem sua própria posição especial em relação à burguesia, ao Estado burguês, à democracia burguesa”.

Enfim, para Pachukanis a ditadura fascista é diferente de outras ditaduras e a palavra não deve ser banalizada; nem todo movimento de extrema-direita é fascista e a extrema-esquerda é o oposto de

extrema-direita.¹⁸ Analisa como é o fascismo e nazismo no Estado, informa que os revolucionários alemães em 1919 (Rosa Luxemburgo) são dizimados pelos socialdemocratas que estavam no poder, sendo que a centro-esquerda puxou o tapete da esquerda, o que gestou o campo para o surgimento do nazismo. O fascismo é o Estado paralelo por meio das milícias, é uma ditadura do capital, tem natureza primitivista (organização para a guerra, parte da burguesia, burocracia e acadêmicos que se identifica com o fascismo, e depois as massas), é contraditório, pois a burguesia se sente desconfortável; a saída não se dá por meio do Direito, do Estado e das instituições burguesas e não bastaria um retorno aos ideais humanistas.

O autor ainda informa que os fascistas questionam as eleições com votação secreta e a imprensa, e que Hitler teria dito que “trinta centímetros de granada (...) soam mais forte do que mil jornais de judeus sujos”.

O autor também critica o capitalismo de Estado (“regulação pelo Estado burguês do capitalismo”), que é interpretado como um estágio superior de desenvolvimento das forças produtivas, “quando na verdade, na atuação histórica, o capitalismo de Estado não apenas expressa um estágio superior do desenvolvimento das forças de produção, mas ainda um estágio superior do agravamento da contradição”, no qual se manifesta de forma vívida a doença, a impotência e a decomposição do capitalismo, critica o reformismo e “qualquer uma das tentativas de intervir nas relações econômicas, de regular o capitalismo, apenas agrava ainda mais todas essas contradições”. Alerta também que o discurso nazista/fascista contra o capitalismo é demagogia e demagogia, pois têm laços estreitos com o capitalismo monopolista.

Eco (2018) alerta que se pensamos nos governos totalitários europeus do período pretérito à segunda grande guerra mundial, “seria muito difícil que, em circunstâncias históricas tão diversas, retornassem sob a mesma forma”, que a direita de hoje tem muito pouco a ver com o velho fascismo e não entende que “o velho nazismo, em sua forma original, esteja ressurgindo como movimento capaz de mobilizar uma nação inteira”, mas que existe outro fantasma rondando o mundo. Para ele “o fascismo não era uma ideologia monolítica, mas antes uma colagem de diversas ideias políticas e filosóficas, um alveário de contradições”, mas era uma confusão estruturada, sob o ponto de vista emocional firmemente articulado a alguns arquétipos, com a prisão e morte de adversários, suspensão da liberdade de imprensa,

¹⁸ Mas claro que fascismo é um movimento de extrema-direita, conforme FALCON, Francisco José Calazans. Fascismo – novas e antigas ideias. In: PARADA, Maurício (Org.). Fascismos: conceitos e experiências. Rio de Janeiro: Mauad X, 2008, pp. 11-28.

sindicatos desmantelados, Poder Legislativo como pura ficção, e o Poder Executivo que controlava o Judiciário¹⁹ e a mídia e que promulgava diretamente as leis, inclusive com a defesa do Holocausto.²⁰

Eco chama de “Ur-Fascismo” ou “fascismo eterno” essa confusão não sistemática, muitas vezes contraditória, quando se apresente uma das seguintes características: (a) culto da tradição, no sentido de que não pode existir o avanço do saber; (b) tradicionalismo com a recusa da modernidade (irracionalismo), com rejeição à revolução francesa e estadunidense, sendo o iluminismo e a idade da razão vistos como o início da depravação moderna; (c) irracionalismo depende do culto da ação pela ação, com a ação devendo ser realizada antes de e sem nenhuma reflexão. Uso de expressões como “porcos intelectuais”, “cabeças-ocas”, “esnobes radicais”, “universidades são um ninho de comunistas”, com suspeitas em relação ao mundo intelectual, com intelectuais fascistas oficiais empenhados principalmente em acusar a cultura moderna e a Inteligência liberal de abandono dos valores tradicionais; (d) desacordo é traição, pois o espírito crítico opera distinções, e distinguir é um sinal de modernidade. Mas na cultura moderna, a comunidade científica percebe o desacordo como instrumento de avanço dos conhecimentos; (e) busca consenso utilizando e exacerbando o natural medo da diferença (o desacordo é um sinal de diversidade), contra os intrusos, racista por definição; (f) provém da frustração individual ou social, apelo às classes-médias frustradas (velhos proletários que se transformaram em burguesia), desvalorizadas por alguma crise econômica ou humilhação política, assustadas pela pressão de grupos sociais subalternos; (g) nacionalismo com a obsessão da conspiração internacional, pois o único privilégio é o mais comum de todos, ter nascido em um mesmo país, os únicos que podem fornecer uma identidade às nações são os inimigos, apelo à xenofobia, seguidores se sentem sitiados. Mas conspiração pode vir também do interior, como por exemplo os judeus; (h) adeptos devem se sentir humilhados pela riqueza ostensiva e pela força do inimigo (ingleses, judeus, etc.), e devem ser convencidos de que podem derrotar o inimigo. Inimigos são ao mesmo tempo fortes demais e fracos demais. Fascismos estão condenados a perder suas guerras, pois incapazes de avaliar com objetividade a força do inimigo; (i) não há luta pela vida, mas antes vida para a luta, pacifismo é conluio do inimigo, é mau, porque a vida é uma guerra permanente. Mas há contradição, pois se inimigos forem derrotados o movimento assumirá o controle do mundo, com paz; (j)

¹⁹ Segundo Georghio Tomelin, hoje existiria um Estado Jurislador, com um Poder Judiciário com função normativa, apontando alguns cuidados para que isso seja democrático e não autoritário. TOMELIN, Georghio. O Estado Jurislador. Belo Horizonte: Fórum, 2018.

²⁰ Na Itália o art. 21 da Constituição de 1947 prevê a liberdade de expressão, ao garantir a todos o direito de manifestar o próprio pensamento por meio da palavra, da escrita ou qualquer outro meio de difusão, com a preocupação de barrar o controle estatal da imprensa instaurado pelo fascismo. VIOLIN, Tarso Cabral. Democratização dos Meios de Comunicação: Estado, Direito e Políticas Públicas. Porto Alegre: Fi, 2020, p. 196.



elitismo popular/de massa, com desprezo pelos fracos, os membros do partido são os melhores, com líder que conquista o poder pela força, com as massas débeis que merecem um dominador, com hierarquia militar, com líder desprezando seus subalternos; (k) cada um é educado para se tornar herói, com culto da morte, mas sua impaciência provoca com maior frequência a morte dos outros; (l) desdém pelas mulheres (machismo) e condenação intolerante a hábitos sexuais não conformistas (da castidade à homossexualidade), pois guerra permanente e heroísmo são jogos difíceis de jogar, com transferência da sua vontade de poder para questões sexuais. Como sexo também é jogo difícil, o fascista joga com as armas (objeto fálico); (m) populismo qualitativo, pois os indivíduos enquanto indivíduos não têm direitos, o líder se apresenta como o intérprete da vontade comum do povo, que não age por ter perdido seu poder de delegar. Oposição aos pútridos governos parlamentares; (n) textos pobres e elementares (novilíngua de Orwell).²¹

Muito embora Eco falasse da Itália e de outras realidades, principalmente europeias ou dos países cêntricos, seu texto pode se encaixar no que ocorre no Brasil na atualidade. Pretende-se analisar se o Brasil vive uma escalada para o “fascismo eterno” de Eco, se considerarmos a atuação do governo federal atual e seus apoiadores. Verifica-se uma tendência de posicionamentos contrários aos avanços do saber dos séculos XIX, XX e XXI e um retrocesso aos períodos pré-renascentistas e pré-iluministas da idade das trevas, com um irracionalismo que recusa a modernidade e as revoluções burguesas. Uma batalha surreal contra o que chamam de “depravação moderna”.

Para Mann (2008)²² o fascismo provavelmente foi a ideologia política mais importante criada durante o século XX e pesquisou o fascismo na Áustria, Alemanha, Hungria, Itália, Romênia e Espanha.

²¹ Michela Murgia em seu “Instruções para me tornar um fascista” se utiliza de várias características citadas por Eco para, de forma irônica, ensinar como ser fascista, inclusive com um fascistômetro ao final para testar se somos fascistas ou não. Obra italiana, mas totalmente aplicável na realidade brasileira. MURGIA, Michela. Instruções para se tornar um fascista. Belo Horizonte: Ayiné, 2019. Sobre o fascismo e algumas relações com a realidade recente brasileira, ver AB’SÁBER, Tales. Michel Temer e o fascismo comum. São Paulo: Hedra, 2018. Obras essenciais para se entender o fascismo e o nazismo são o livro “A Onda”, que depois virou o filme “A Onda” e a série “Nós somos a onda”. STRASSER, Todd. A onda. São Paulo: Record, 2020. GANSEL, Dennis. A onda. Filme, Alemanha, 2008. GANSEL, Dennis. Nós somos a onda. Série da Netflix, Alemanha, 2020.

²² Horta, ao analisar a obra Fascistas de Michael Mann, entende que não é suficiente, mas é interessante ao mostrar o fascismo como fenômeno sociológico composto por nacionalismo orgânico, estatismo, negação dos movimentos sociais, pois apenas existiria Pátria e Estado, e para-militarismo. HORTA, Fernando. Decifrando o fascismo. Youtube do Ópera Mundi. Aula de 30.06.2020. No mesmo livro do artigo de Mann, ver ainda FALASCA-ZAMPONI, Simonetta. Fascismo e estética. In: PARADA, Maurício (Org.). Fascismos: conceitos e experiências. Rio de Janeiro: Mauad X, 2008, pp. 45-66. SUANZES-CARPEGNA, Joaquín Varela; SARASOLA, Ignacio Fernández. Leis fundamentais e democracia orgânica (aproximação ao ordenamento jurídico-político franquista). In: PARADA, Maurício (Org.). Fascismos: conceitos e experiências. Rio de Janeiro: Mauad X, 2008, pp. 67-100. FERREIRA, Bernardo. Sob o véu de fórmulas inalteradas: o conceito de Estado Total em Carl Schmitt. In: PARADA, Maurício (Org.). Fascismos: conceitos

Para ele o fascismo não foi um movimento à parte de outros movimentos modernos, pois abraçou a política de centro, o Estatismo e as suas ideologias e patologias; e as crenças fascistas não devem ser julgadas como insanas, contraditórias ou vagas, pois ela ofereceu soluções plausíveis para os problemas modernos e obteve apoio, dedicação e comprometimento da massa eleitoral e dos militantes, sendo poucos fascistas sádicos ou psicopatas, ou pessoas ignorantes de pouca cultura ou entendimento, influenciados por dogmas ou slogans, mas sim de pessoas iguais a nós, sendo um movimento de ideais elevados capaz de convencer uma parte substancial de duas gerações de jovens de que poderia existir uma ordem social harmoniosa. O autor entende que os fascistas perverteram seus ideais, pois nós temos uma capacidade enorme de cometer crimes em nome do que acreditamos, e pessoas com ideais aparentemente nobres podem cometer atos de extraordinária perversidade e, ao entendermos como ele surgiu, podemos visualizar melhor seu possível retorno e como evitá-lo.

Explica que há duas grandes escolas de pensamento entre os estudiosos do fascismo, a escola nacionalista idealista (ênfaticamente a ideologia do poder), da qual ele concorda, e a escola da classe materialista (levam em conta o poder econômico). Entende que a divisão de classes e o capitalismo foram importantes, mas tem abordagem mais ampla, pois haveria quatro fontes do poder social nas sociedades, o ideológico, o econômico, o militar e o político, as quais são necessárias para explicar o fascismo, pois para alcançar seus objetivos todos os movimentos sociais exercem combinações de controle do sistema (ideologia), o controle dos meios de produção (econômico), o controle sobre a violência física organizada (militar) e controle da centralização territorial e das instituições de regulação (político), e o fascismo se envolveu em todas elas e apresentou resposta às situações de crise em todas as quatro e, portanto, acrescenta à ideologia e à análise econômica uma maior análise militar e política.

Define o fascismo clássico do período entreguerras como “a procura pelo estadismo transcendental e de limpeza, através do paramilitarismo”. Os fascistas defendiam um **nacionalismo de limpeza**, ou seja, uma nação orgânica e integral, sem diversidade, que seria uma ameaça subversiva à

e experiências. Rio de Janeiro: Mauad X, 2008, pp. 101-123. SILVA, Francisco Carlos Teixeira da. Cultura operária e resistência antifascista no ocaso da República de Weimar (1919-1933). In: PARADA, Maurício (Org.). Fascismos: conceitos e experiências. Rio de Janeiro: Mauad X, 2008, pp. 125-169. SCARRONE, Marcello. Entre a guerra e a paz. In: PARADA, Maurício (Org.). Fascismos: conceitos e experiências. Rio de Janeiro: Mauad X, 2008, pp. 171-200. MORAES, Luís Edmundo de Souza. O NSDAP no Brasil: problemas de pesquisa. In: PARADA, Maurício (Org.). Fascismos: conceitos e experiências. Rio de Janeiro: Mauad X, 2008, pp. 201-231. COSTA, Marcelo Timotheo da. Deus é de direita? Alceu Amoroso Lima encontra a Escola de Teologia do Saulchoir. In: PARADA, Maurício (Org.). Fascismos: conceitos e experiências. Rio de Janeiro: Mauad X, 2008, pp. 233-258. PARADA, Maurício. Das cinzas ao paraíso: o fascismo austríaco e a trajetória de Otto Maria Carpeaux. In: PARADA, Maurício (Org.). Fascismos: conceitos e experiências. Rio de Janeiro: Mauad X, 2008, pp. 259-269.



unidade e à pureza da nação, e essa ameaça supostamente causada pelos inimigos estranhos dentro e fora da unidade nacional gerou agressividade, com toques de racismo (o nazismo mais radical com sua limpeza étnica), sendo que o fascismo queria eliminar inimigos políticos como os socialistas e os comunistas. O **estatismo** fascista era baseado no autoritarismo para prover um projeto moral, e elementos corporativistas, sindicalistas e burocráticos foram diminuídos pelo radicalismo fascista, se mostrando mais totalitário em seus objetivos transformadores do que na real forma de seu regime. O autor denomina de estadismo a combinação entre o nacionalismo de limpeza e o estatismo autoritário, o que poderia **transcender** conflitos sociais. Por mais que teoricamente atacassem o capital e o trabalho e que os interesses privados seriam subordinados ao interesse nacional, com planejamento e bem-estar social impostos, e que os interesses das classes seriam levados para o Estado por meio de sindicatos e instituições corporativistas, na prática essa transcendência não foi atingida e, uma vez no poder, os fascistas se inclinaram ao capitalismo e fizeram acordos com velhos regimes e se alinharam mais à classe alta do que baixa, com conflitos com a esquerda internacionalista, não atacando o capitalismo, mas apenas o capitalismo financeiro, estrangeiro ou judeu, o que foi considerada uma traição fascista por alguns fascistas mais radicais.²³ Para o autor o paramilitarismo fascista violento, quando neutralizava exércitos, atraindo seus soldados, assumiam o poder.

O surgimento do fascismo no entreguerras se deu em duas fases, primeiro com o surgimento progressivo de uma ampla família de autoritários direitistas como tradicionalistas, conservadores e monarquistas, e depois a ascensão do fascismo, e esse surgimento do autoritarismo de direita decorreu da crise econômica, militar, política e ideológica gerada ou intensificada pela Primeira Guerra Mundial, pois antes da guerra a Europa caminhava lentamente para a Democracia, já com a existência de pequenos grupos fascistas de militares e intelectuais, mas sem a I Guerra e suas crises posteriores nenhuma figura autoritária expressiva surgiria (sem Hitler e o Holocausto) e provavelmente sem II Guerra. Essas crises envolvem quatro fontes de poder: (a) a crise econômica surgida no final de I Guerra e com a grande depressão de 1929, mas apenas ela não explica diretamente o fascismo, pois ocorreu em países mais e menos desenvolvidos economicamente; a (b) crise militar, por causa das perdas territoriais e soldados dispensados que formaram organizações paramilitares para pressionar por demandas territoriais, sendo que seu militarismo foi doutrinado e levado em direção ao fascismo; a (c) crise ideológica, pois conservadores viam a modernidade como algo desejável mas perigoso, o liberalismo como corrupto e desordeiro, o socialismo como caótico e o secularismo (laicismo) como uma ameaça à moralidade, valores

²³ Apenas na Romênia e na Hungria o fascismo era anticapitalista e pró-proletariado.

que circulavam entre jovens de classe média, escolas, universidades, academias militares e igrejas cristãs mais conservadoras, mas apenas em parte da Europa em regiões onde as outras crises eram mais graves; e (d) as crises políticas, segundo o autor as mais decisivas, com ataques à democracia.

Não havia no pós-guerra nenhuma grande ameaça às propriedades capitalistas, pois revoluções socialistas foram reprimidas e a URSS estava isolada, mas mesmo assim algumas classes altas buscavam o autoritarismo armado quando nem a propriedade nem os lucros sofriam ameaça real, pois não eram capitalistas modernos, mas proprietários, oficiais e igrejas, com medo de seus inimigos, quando o fascismo se estabelece.

Mann escreveu o texto antes de 2008 e, portanto, sem levar em conta os movimentos e governos dos anos 2010 (com governos e movimentos aparentemente fascistas, conforma analisado na presente obra), se posicionou no sentido de que no século XXI é um abuso impreciso chamar quem não gostamos de fascista, e que apenas alguns lunáticos ignorantes se autodenominam fascistas ou nazistas, sendo que na Europa estaria morto e talvez enterrado, havendo algum espaço em outros locais, inclusive o que ele chama de fascismo sagrado e, portanto, não descarta o seu reaparecimento com nomes diferentes.

Stanley (2018) chama de fascismo qualquer tipo de ultranacionalismo ético, religioso ou cultural, no qual a nação é representada na figura de um líder autoritário que fala em seu nome, sendo as estratégias da política fascista o passado mítico, propaganda, anti-intelectualismo, irrealidade, hierarquia, vitimização, lei e ordem, ansiedade sexual, apelos à noção de pátria e desarticulação da união e do bem-estar público, e lembra que política fascista não conduz necessariamente a um estado explicitamente fascista.

O **passado mítico** fascista é patriarcal, com conquista lideradas por generais patriotas e guerreiros leais, um passado glorioso perdido pela humilhação provocada pela globalização, pelo cosmopolitismo liberal, e pelo respeito por valores universais, como a igualdade, sendo que esses valores enfraquecem a nação diante de desafios reais e ameaçadores para sua existência. Política fascistas abominam os homossexuais, são contrárias a descriminalização do aborto, são machistas e racistas e fazem escolha seletiva do passado com abrandamento sobre eventos históricos negativos como a escravidão ou genocídio dos índios.

O papel da **propaganda** fascista é ocultar os objetivos claramente problemáticos, como guerra ao crime e encarceramento em massa com ocultamento da intenção racista e falsas acusações de corrupção

enquanto se envolvem em práticas corruptas.²⁴ Corrupção para o fascista é a corrupção da pureza, de usurpação da ordem tradicional, e não da lei. Acusação de que os pobres estavam governando e taxando os ricos, mulheres, negros, judeus, homossexuais ou cosmopolitas alcançando posições de poder político. Vistas grossas com relação à corrupção dos fascistas, sendo que “mascarar a corrupção sob o disfarce de anticorrupção é uma estratégia marcante da propaganda fascista”. Para o autor Estados fascistas querem desarticular o Estado de direito com duras críticas ao poder Judiciário independente com acusações de parcialidade, para substituição de juízes “por aqueles que empregarão cinicamente a lei como um meio de proteger os interesses do partido no poder”, como ocorreu na Hungria e Polônia. Os fascistas têm o discurso de proteger a liberdade e as liberdades individuais, mas essas liberdades dependem da opressão de alguns grupos, como escravocratas que fazem o discurso da liberdade, ou fascistas que chegam ao poder por meio de eleições com liberdade de voto e terminam com ela com a vitória. O autor lembra que Hitler dizia que a verdadeira democracia germânica (ditadura exercida por um único indivíduo) era uma democracia genuína, pois tinha legítima responsabilidade individual pelas decisões políticas, e a responsabilidade individual é uma noção liberal por excelência, e lembra que na A República de Platão, Sócrates argumenta que as pessoas não são naturalmente levadas ao autogoverno, mas buscam um líder forte para seguir, e a democracia, ao permitir a liberdade de expressão, abre espaço para que um demagogo explore essa necessidade que o povo tem de um homem forte, esse homem usará essa liberdade para se aproveitar dos ressentimentos e medos das pessoas, e esse homem forte toma o poder e acaba com a democracia, substituindo-a por uma tirania, sendo que a democracia é autodestrutiva cujos ideais levam à sua própria morte, e os fascistas são familiarizados com essa receita, como Joseph Goebbels e hoje com os inimigos da democracia que levam a liberdade de expressão ao seu limite para subverter o discurso dos outros. O fascismo eleva o irracional sobre o racional, a emoção fanática sobre o intelecto, mas faz isso com propaganda, uma rejeição ao Iluminismo, mas justifica que usa a razão contra a realidade.

O **anti-intelectualismo** do fascismo, ao mesmo tempo que desvaloriza a educação, a especialização e a linguagem, usa as universidades para apresentar a cultura dominante e o seu passado mítico. O autor informa que as universidades dos EUA abrigam o território de expressão mais livre de

²⁴ “Divulgar falsas acusações de corrupção enquanto se envolve em práticas corruptas é típico da política fascista, e as campanhas anticorrupção estão frequentemente no centro dos movimentos políticos fascistas. Políticos fascistas geralmente condenam a corrupção no Estado que querem assumir, o que é bizarro, uma vez que os próprios políticos fascistas são invariavelmente muito mais corruptos do que aqueles que eles procuram suplantar ou derrotar”. STANLEY, Jason. Como funciona o fascismo: a política do “nós” e “eles”. Porto Alegre: L&PM, 2018.

qualquer local de trabalho privado, cuja liberdade de expressão é uma fantasia, pois nesses os trabalhadores são frequentemente submetidos a acordos de confidencialidade e podem ser demitidos por discursos políticos nas redes sociais. Há políticos fascistas que tentam acabar com a estabilidade dos professores universitários permanentes, taxados pelos fascistas de muito politizados e marxistas-feministas que lecionam disciplinas que minam a família tradicional, como as sobre gênero e pretendem incluir estudos sobre o terraplanismo, o orgulho nacional e racial ou abertura de espaço para o estudo dos mitos como um fato, e estudos baseados em habilidades (de negócio) em detrimento de assuntos como sociologia e ciências humanas e sociais que ajudam os estudantes a se tornarem melhores cidadãos democráticos, produzindo cidadãos obedientes obrigados a entrar na força de trabalho sem poder de barganha e ideologicamente treinados para pensar que o grupo dominante representa as maiores forças civilizatórias da história (EUA de Trump, Hungria de Orbán e Turquia de Erdoğan). Hitler defendeu em *Mein Kampf* que tudo o que admiramos na terra (ciência, arte, habilidade técnica e invenção) é o produto criativo de apenas um pequeno número de nações, e que é importante empobrecer o discurso público pois “toda propaganda deve ser popular” e “a capacidade receptiva das massas é muito limitada, e sua compreensão é pequena” com “grande poder de esquecer”. Assim, para os fascistas “a oratória não deve convencer o intelecto, mas influenciar a vontade”, com misticismo e emoção, e sem raciocínio, e que a raiva e o medo é que levam as pessoas para as urnas. Tudo isso, para Stanley, degrada os espaços de informação e obliteram a realidade.

Sobre a **irrealidade** fascista, o autor entende que o fascismo coloca em dúvida a realidade, “nós não podemos concordar com a verdade”, o debate fundamentado é substituído pelo medo e pela raiva e, quando o discurso é bem sucedido, o público fica com a sensação de perda e desestabilização, desconfiança e raiva contra os supostos responsáveis pela perda, com mentiras óbvias e repetidas por um único indivíduo ou partido, substituindo a verdade pelo poder, chegando o líder a mentir de forma inconsequente, destruindo os espaços de informação e quebrando a realidade, com teorias conspiratórias inverídicas como “Os protocolos dos sábios de Sião”, um suposto manual judeu para conquistar o mundo divulgado pelos nazistas e por Henry Ford. Arendt aponta que as massas modernas não acreditam em nada visível, mas apenas na imaginação, e o que as convencem não são os fatos, além de alertar sobre a repetição. O ressentimento é redirecionado contra grupos minoritários, que não compartilham as tradições dominantes, e alguns veem esses grupos, e não o comportamento das elites econômicas, como responsáveis por suas expectativas não atendidas. Platão, Aristóteles e os teóricos políticos sabem que “a democracia não pode florescer em solo envenenado pela desigualdade” e mesmo aqueles que não se

beneficiam das hierarquias podem ser levados a acreditar que conquistaram o privilégio, daí o racismo de pobres brancos que apoiam cortes de impostos para brancos extravagantemente ricos.

Contrário aos ideais da dignidade da pessoa humana e da empatia, o fascismo defende que a natureza impõe **hierarquias** de poder e dominância que contrariam a igualdade de respeito, igualdade essa que é uma negação da lei natural, o que coloca os homens acima das mulheres, os membros da nação fascista acima dos outros grupos, aristocratas acima dos demais, brancos arianos acima dos demais, coisas que o criador fez desiguais, “e os políticos fascistas representamos mitos que legitimam suas hierarquias como fatos imutáveis”. Para os fascistas há os merecedores e os não-merecedores, os trabalhadores e os preguiçosos, enquanto que na democracia liberal todos nós somos igualmente merecedores dos bens básicos da sociedade.

Na **vitimização** fascista, salvaguardas mínimas são discriminações contra a maioria. No cerne do fascismo está a lealdade à tribo, à identidade étnica, à religião, à tradição, à nação. Mas lembre-se que o nacionalismo que surge da opressão e que objetiva a igualdade não é de origem fascista.

A retórica fascista de **lei e ordem** faz com que “eles” sejam os criminosos, e “nós” apenas cometemos erros. O autor critica o encarceramento em massa que contribui para o aumento da criminalidade, pois os indivíduos já encarcerados têm dificuldade de arrumar emprego e sua participação cívica diminui.

No fascismo o demagogo é o pai da nação e qualquer ameaça à masculinidade patriarcal e à família tradicional enfraquece a visão fascista de força, ameaças como estupro, agressão e desvio sexual (transgêneros e homossexuais), e a política de **ansiedade sexual** é eficaz quando os papéis masculinos tradicionais, como o provedor da família (os homens são melhores), estão sob ameaça das forças econômicas, mas ao mesmo tempo os fascistas não têm a intenção de abordar as causas básicas das dificuldades econômicas. A propaganda fascista promove o medo de cruzar as raças, de corromper a nação pura, de desvios da família patriarcal, e sexualiza a ameaça do outro, contra negros, judeus, muçulmanos, mexicanos. Pela segurança se ataca a liberdade (identidade de gênero, aborto) e a igualdade (quando concedida às mulheres, o provedor da família fica ameaçado).

Quando trata de **Sodoma e Gomorra**, Stanley informa que Hitler defendia o orgulho nacional e desprezava o cosmopolitismo, as suas produções culturais como o teatro e o cinema, e a mistura de diferentes grupos culturais e raciais, para a Alemanha nazista o campo era puro e as cidades era o mal, com corrupção racial, doenças e perversão. Para o fascismo os imigrantes são um fardo, e os trabalhadores rurais pagam para ajudar os moradores urbanos preguiçosos. As cidades são plurais, com

diversidade étnica, religiosa e de costumes. A vida rural é autossuficiente, o que gera força, com confiança nas próprias habilidades, autossuficiência, as comunidades rurais não dependem do Estado, ao contrário dos parasitas das cidades. Para Stanley “no fascismo, o Estado é um inimigo; ele deve ser substituído pela nação, que consiste em indivíduos autossuficientes que, coletivamente, optam por se sacrificar por um objetivo comum de glorificação étnica ou religiosa”, “superficialmente semelhante ao ideal libertário de autossuficiência e de liberdade em relação ao ‘Estado’”. O fascismo defende altas taxas de natalidade, contra a infertilidade das cidades compostas por velhos degenerados e incapazes, que não podem defender as fronteiras. Cidades são empreendimentos coletivos onde as pessoas confiam na infraestrutura pública, o Estado, para sobrevivência e conforto, seus oradores não caçam nem cultivam sua comida, contra o ideal fascista de autossuficiência agrária rural. Hitler dizia que os arianos antes eram nômades, e os judeus nunca foram nômades, mas sempre parasitas no corpo de outras nações.

No capítulo *Arbeit Macht Frei*, Stanley explica que no fascismo, em tempos de crise e necessidade, o Estado reserva apoio para os membros da nação escolhida, para “nós”, e não para “eles”, porque eles são preguiçosos, carecem de uma ética de trabalho, não podem ser confiados fundos estatais, são criminosos e só querem viver da generosidade do Estado, e devem ser curados da preguiça e do roubo com trabalho duro, e por isso os portões de Auschwitz e Buchenwald exibiam o slogan *Arbeit Macht Frei* (o trabalho liberta). Para os eleitores de Trump em casos de furacões estadunidenses devem ser socorridos, mas porto-riquenhos não (Porto Rico faz parte do território dos EUA). Para os nazistas os judeus eram preguiçosos e corruptos e planejavam roubar o dinheiro dos arianos trabalhadores, com facilitação do Estado; e eram contra todos aqueles que não criam valor, que auferem altos lucros sem nenhum trabalho mental ou físico, contra os judeus e demais parasitas do Estado, com boa vida que colhem onde não semearam. Querem desarticular o Estado e substituí-lo pela nação desprovida de mecanismos de bem-estar social, que, segundo Hitler, priva os indivíduos de sua capacidade de independência econômica, pois o Estado representa a redistribuição da riqueza dos cidadãos trabalhadores para minorias que não merecem, fora da comunidade étnica ou religiosa dominante. A oposição ao bem-estar social quer um compromisso com o individualismo, a ética da autossuficiência, de que trabalham duro, e defendem que negros, refugiados e pobres são preguiçosos, mas não sabem que muitos estadunidenses brancos são beneficiários de programas de bem-estar. É a dicotomia trabalho duro versus preguiça, cumpridores da lei versus criminosos, nós versus eles e, segundo Hannah Arendt, a irrerealidade fascista é um prelúdio da política fascista. Os fascistas mudam o tema da justiça social (programas de bem-estar e treinamento profissional) para lei e ordem, com medidas agressivas contra o



crime das minorias, com punitivismo. Fascismo procura minimizar a importância da luta de classes e desarticula sindicatos pois eles geram empatia intraclasses (brancos e negros trabalhadores, por exemplo): “o sindicato é o principal mecanismo que as sociedades descobriram para vincular pessoas que diferem em vários outros aspectos (...) são fontes de cooperação e de comunidade e de igualdade salarial, bem como mecanismos para fornecer proteções às vicissitudes do mercado global” e fascistas (incluindo Hitler) defendem que sindicatos devem ser esmagados para que os trabalhadores individuais tenham que se virar sozinhos no mar do capitalismo global e passem a depender de um partido ou líder. Para Hitler os sindicatos “impedem a eficiência nos negócios e na vida de toda a nação” e devem ser adaptados para que sirvam à nação e não aos interesses de classe. Para Arendt o fascismo exige que os indivíduos em uma sociedade sejam atomizados, devem perder a conexão mútua existente entre suas diferenças, pois criam laços mútuos ao longo de linhas de classe e não de raça ou religião. Além disso a política fascista é mais efetiva sob condições de acentuada desigualdade econômica, sendo que a proliferação de sindicatos é o melhor antídoto contra o desenvolvimento de tais condições, pois muitas sociedades que têm baixos níveis de desigualdade também têm alta participação nos sindicatos de trabalhadores, países com alta densidade sindical têm baixa desigualdade de renda (Dinamarca, Finlândia, Suécia e Islândia) e com alta desigualdade têm baixa densidade sindical (EUA, Chile, México e Turquia), sendo que não há países com alta/alta. Como os sindicatos são uma arma poderosa contra o desenvolvimento de uma esfera econômica desigual, o fascismo prospera em condições de incerteza econômica onde o medo e o ressentimento podem ser mobilizados para colocar os cidadãos uns contra os outros. Nos EUA hoje há leis no sentido de proibir sindicatos de cobrar taxas de funcionários que não desejem pagá-las e obrigação de que mesmo assim representem esses trabalhadores, lei que visa destruir sindicatos. Fascistas reprimem sindicatos e acusam judeus e negros de preguiçosos e tentam desarticular a unidade de classe porque defende o darwinismo social, defendendo a vida como uma competição pelo poder e a divisão de recursos deve ser deixada para a pura concorrência do livre mercado com ideais de trabalho duro, iniciativa privada e autossuficiência. Cada um deve ter uma vida digna de valor superando os outros pela luta e pelo mérito, sobrevivendo a uma feroz competição por recursos e aqueles que não competem com sucesso não merecem os bens e recursos da sociedade, numa ideologia que mede valor pela produtividade, com propaganda do grupo externo como preguiçoso e inferior, contra deficientes, sendo que no nazismo aqueles que dependiam do Estado para sua sobrevivência não tinham valor nenhum, com esterilização e assassinato. O fascismo não é anti-individualista, pois Hitler exaltava o indivíduo e a meritocracia e criticava a democracia como sendo contra a individualidade e contra indivíduos uns acima dos outros na

luta competitiva: “a visão fascista de liberdade individual é semelhante à noção libertária de direitos individuais: o direito de competir, mas não necessariamente de ter sucesso ou mesmo de sobreviver”. O liberalismo econômico defende mercados livres irrestritos, sem regulamentações, e se o indivíduo acabar sendo o mais fraco na luta, suas perdas são responsabilidade sua, vinculando liberdade e virtude à riqueza, e a pessoa adquire liberdade acumulando riquezas na luta, e quem não ganha não merece e, por mais que o fascismo envolva o compromisso de agrupar hierarquias de valor, o que é incompatível com o verdadeiro liberalismo econômico, que não generaliza além do indivíduo, ambas as filosofias têm um princípio comum pelo qual o valor é medido, sendo o liberalismo econômico um darwinismo social de gala (direita estadunidense com discurso de que interferência do governo é perda da liberdade e encontra virtude na liderança de um CEO que dá ordens), semelhante ao discurso de Hitler (meritocracia, líder recompensado, fortes governando fracos, líder como o CEO). Hitler ainda dizia que democracia política e esfera econômica autoritária gera instabilidade, porque estado invade as empresas com regulamentações democraticamente impostas, e que indústria deve apoiar nazismo porque empresas já funcionam de acordo com o princípio do líder. Hitler era contra proteção aos trabalhadores e consumidores e políticas de bem-estar social e contra sindicatos de trabalhadores.

Fariñas Dulce e D'Ambroso (2020) entendem que o neofascismo é a soma do fascismo com o neoliberalismo, e analisam a realidade atual com o ataque neofascista do capitalismo corporativo se baseando no tripé de manipulação midiática do povo com a construção de falsidades como verdades alternativas (fake news), controle de pensamento pela religião com a imposição arrogante de uma verdade absoluta (fundamentalismo religioso), militarização do Estado (repressão), *lawfare* e pós-verdade (mentiras emotivas de construção de fatos alternativos), no novo totalitarismo que renova o patriarcado na forma mais primitiva da ideologia do protótipo ideal: varão, proprietário, branco e judeu-cristão (evangélico), homofóbico, racista, machista, aporofóbico e xenófobo, sendo que no Brasil se inicia com as jornadas de 2013, o golpe de 2016 e a ascensão ao poder de Michel Temer, a operação Lava Jato, a prisão de Lula²⁵ e a eleição de Jair Bolsonaro.²⁶

O Brasil já contou com uma forte influência do fascismo no período pré-II Guerra Mundial com o integralismo. Por mais que na Constituinte para a Constituição de 1934 já tivesse uma certa influência do fascismo italiano, houve uma radicalização político-ideológica entre 1934 e 1937, provocada pela

²⁵ Citam, inclusive, o livro do qual participei como coautor PRONER, Carol; CITTADINO, Gisele; RICOBOM, Gisele; DORNELLES, João R. (Org.). Comentários a uma sentença anunciada: o processo Lula. Bauru: Canal 6 Editora, 2017.

²⁶ Também utiliza o termo neofascismo Carol Proner em PRONER, Carol. Prólogo. DULCE, María José Fariñas; D'AMBROSO, Marcelo José Ferlin. Neofascismo e o capitalismo do 1%. São Paulo: Tirant lo Blanch, 2020.

mobilização de massa oriunda do Integralismo (movimento fascista brasileiro), reforçando tendência autoritária e legitimando o golpe militar em 1937, que dissolveu o Congresso, extinguiu a Constituição de 1934, e preparou a nova Carta, A Polaca, inspirada na Constituição da ditadura polonesa, elaborada por Francisco Campos.²⁷

No início do século XX no Brasil os italianos moradores no país ainda se sentiam como calabreses, sicilianos, etc., pois a Itália ainda era um país recente. Em 1924 surge a *Fascio* de São Paulo. Enquanto os trabalhadores se identificavam com os movimentos socialistas e anarquistas, no Brasil os sindicatos não abraçaram o fascismo, mas sim os patrões, classe-média e ricos, que cultivaram o sentimento de ser italiano, e o Brasil segregava menos quem vinha de fora, com misturas, e o sentimento de ser operário pesou mais do que o de ser italiano. O operário italiano tinha mais em comum com o português, japonês e brasileiro, do que com o chefe italiano. Plínio Salgado, foi o pai do Integralismo, paulista do interior, político, escritor (chegou a ler poema no Teatro Municipal de São Paulo na Semana de Arte Moderna de 1922) e jornalista. Um filho de elite católica, e com um pouco de sangue indígena, que se encontrou com Mussolini em 1930, era um homem conservador que não via com bons olhos a homossexualidade, achava que o cosmopolitismo ameaçava a identidade nacional, a tradição e o passado, era contra o liberalismo e contra a ideia de luta de classes socialista que desagregava as famílias, um sertanejo descendente de bandeirantes contrário ao urbano. Influenciado por um mundo com a democracia liberal em crise e com muitas desigualdades, com a necessidade de um novo regime político, mais moderno e mais eficiente, em um ambiente com o nascimento do fascismo, com ideias antiliberais, de que os partidos políticos não representavam as correntes de pensamento da sociedade, com uma nação organizada em entidades classistas-corporativistas. O número dois foi o cearense Gustavo Barroso, que presidiu a Academia Brasileira de Letras, e era racista. Número três foi o jurista Miguel Reale, que depois virou apenas um conservador (o movimento teve grande força na Escola Nacional de Direito - RJ e na Faculdade de Direito do Largo de São Francisco - SP). Foram integralistas Hélder Câmara e Vinicius de Moraes, os quais depois

²⁷ FERRAZ JÚNIOR, Tércio Sampaio. Constituição Brasileira: modelo de Estado, Estado Democrático de Direito, objetivos e limites jurídicos. In: Constituição Brasileira, p. 63-83. Sobre a influência liberal-democrática paulista na Constituição de 1934, Fernando Dias Menezes de Almeida informa que foi uma “união contra as tendências autoritárias e centralizadoras, tanto rumo ao comunismo como rumo ao fascismo, que caracterizavam fortes correntes apoiadoras dos movimentos de 24 e 30 e que acabaram por dar o tom do Governo Vargas, notadamente a partir de 1937”. A bancada paulista tentou, inclusive, mitigar a repercussão da “orientação socialista” da Constituição de Weimar de 1919 que influenciou a Constituição brasileira de 1934. ALMEIDA, Fernando Dias Menezes de. O corpo de doutrina jurídico da Revolução de 1932 e sua influência sobre o regime constitucional brasileiro de 1934. In: MOTA, Carlos Guilherme; SALINAS, Natasha S. C. (Coord.). Os juristas na formação do Estado-Nação brasileiro (de 1930 aos dias atuais). São Paulo: Saraiva, 2010, p. 159-194.

foram para a esquerda. Plínio não queria a ditadura do proletariado comunista e nem a ditadura liberal da burguesia, não queria a eliminação de classes e defendia um ensino não para uma autonomia, mas para uniformizar uma compreensão de país. Era contra o federalismo, em princípio não era racista, e lança um Manifesto em 1931, defendendo que “a autonomia dos estados deve ser delimitada dentro das possibilidades da Pátria comum” e uma “representação das classes, produzindo um legislativo de técnicos e não de políticos; a delimitação das áreas políticas ao exercício do sufrágio; eleição indireta do presidente da República”. Em período sem dinheiro em 1932, foi réu em processo por jogo fraudulento, em rifa desorganizada em nome da Cruz Vermelha, que não premiou ninguém e o dinheiro sumiu, por ter sido a ponte entre o organizador do evento e a entidade, o que gerou o apelido “Plínio Tômbola” (tômbola é um jogo italiano parecido com o bingo).²⁸ Em 1932 é publicado o manifesto da Ação Integralista Brasileira, tratando de termos como família e pátria, crítica aos partidos políticos, autoridade de um líder, crítica ao cosmopolitismo e defesa do nacionalismo e um estado integral sem a divisão em partidos políticos ou estados.

Ao invés da suástica nazista alemã, a letra grega sigma (Σ), os integralistas eram chamados de encamisados, de preto na Itália, de cáqui na Alemanha, de verde no Brasil, mas sempre com uniforme para padronização e o fetiche da disciplina militar, e bradavam *Anauê* (“você é meu irmão”). Em 1934 surgem movimentos democráticos que englobavam esquerda e liberais antifascistas. Mas em uma manifestação integralista em São Paulo, alguns antifascistas mais radicais chegam a atirar nos camisas-verdes integralistas, que começam a tirar desesperadamente suas camisas. No dia seguinte, Apparício Torelly, o Barão de Itararé, diz que “um integralista não corre, voa”, e os apelidou de “galinhas-verdes”. Plínio Salgado, que dizia que o Integralismo não era racista, declara guerra contra o “judaísmo organizado” e “intelectuais, covardes e judeus”. Em 1935 ocorre a desorganizada Intentona Comunista de Luís Carlos Prestes e um aumento exagerado de uma “ameaça comunista”, e o governo Vargas vai ficando cada vez mais autoritário, com leis e alterações na Constituição de 1934 e prisão e tortura de esquerdistas e envio de judeus comunistas para a Alemanha nazista. A Ação Integralista Brasileira vai crescendo eleitoralmente, é financiada pelo governo nazista alemão e pretendia indicar Plínio Salgado para a eleição presidencial de 1938. Os integralistas inventam o “Plano Cohen” (inspirado no nome de Béla Kun, que implementou o segundo governo comunista no mundo em 1919 na Hungria), uma fraude, como se comunistas e judeus tomariam o Brasil com greves, incêndios, sequestros, explosões, ataques ao clero e

²⁸ Sobre o Integralismo, obra obrigatória é a de DORIA, Pedro. *Fascismo à brasileira - como o integralismo, maior movimento de extrema-direita da história do país, se formou e o que ele ilumina sobre o Bolsonarismo*. São Paulo: Planeta, 2020.

estupros. Enquanto isso o Ministro da Justiça, Francisco Campos, preparava o texto da Constituição de 1937, baseada nas Constituições fascistas da Polônia e da Itália. Campos também prometia poder dos integralistas no governo Vargas. Os integralistas fazem uma marcha dos 50 mil pelas ruas do Rio de Janeiro (governo Vargas contou 17 mil). Getúlio outorga a Constituição de 1937, com centralização do poder, fim da Federação, e fim das eleições para governadores, e implementa um autogolpe e o Estado Novo. E pela Constituição e decreto-lei extingue partidos políticos, inclusive a AIB, e proíbe bandeiras, escudos, hinos, armas, uniformes, símbolos. Era o fim do Integralismo, que ainda tentou e quase conseguiu matar o presidente em 1938 (levante), em plena residência oficial do presidente, de madrugada. Plínio negou participação direta, chegou a ser preso e partiu em exílio para a Europa. Com a redemocratização foi candidato derrotado à presidência em 1955, virou deputado federal e apoiou o golpe de 1964, e sempre negou que a AIB era fascista. Faleceu em 1975. O Integralismo e seu partido Ação Integralista Brasileira (AIB, de 1933-37) foi o maior movimento fascista do mundo fora da Europa entre os anos 1920 e 1940 e o maior movimento popular de direita da nossa história, pelo menos até o surgimento do Bolsonarismo, sendo que a AIB contou com mais de 1 milhão (1937) de afiliados em um Brasil com 30 milhões de habitantes. Foi a maior ameaça ao primeiro governo de Getúlio Vargas.

Hoje, segundo Violin e Machado (2019) o Brasil pode estar vivendo um período pré-iluminista na questão política, no qual conquistas como a Democracia, a República, o Estado Laico, os direitos fundamentais individuais e liberdades em geral, o devido processo legal, e a presunção de inocência, estão sendo questionados por uma onda mundial neoliberal/ultraneoliberal e autoritária/fascista/protofascista.

Para Doria (2020) o Bolsonarismo está incluído em um movimento internacional que inclui Donald Trump (EUA), Viktor Orbán (Hungria) e Matteo Salvini (Itália), com características como atração por armas de fogo, fetiche e encantamento pelo militar, flerte com a violência física, questionamento do ideal iluminista da tolerância pela diferença, do culto ao debate, e uso da educação como máquina de uniformização do pensamento. Segundo ele, com a total falta de empatia com os mortos pelo COVID-19, o que os freudianos chamam de “pulsão de morte”, uma violenta atração pela destruição da vida e da vida do outro, do diferente, que compreende a liberdade como permissão da violência. Cita Robert Paxton, no sentido de que o fascismo acredita que a sociedade está em declínio, que ele se enxerga humilhado, que se percebe como uma vítima do sistema, contra-ataca com nacionalismo, arma seus militantes, cultua unidade e exige fidelidade, se relaciona com as elites tradicionais, mas com desconforto, respira violência e, no momento que tem força atropela restrições éticas e legais, características do



Bolsonarismo. Mas para ele há diferença entre o fascismo e o Bolsonarismo, pois esse é um movimento sem ambições intelectuais – sendo que Mussolini era um leitor voraz, Salazar um acadêmico, Hitler trouxe para sua proximidade filósofos, cineastas e alguns dos melhores cientistas alemães e o integralismo era formado por artistas e pensadores.

Negri (2019) ao analisar a realidade brasileira após a eleição em 2018 do presidente Jair Bolsonaro, entende que o “estranho” fascismo que ora se aplica nos Estados Unidos da América e no Brasil “está em profunda conjugação com o neoliberalismo”, e “uma nova experiência radical das teorias de Chicago deve encontrar em seu desenvolvimento”. Para o autor “as atuais conversões fascizantes da classe dirigente capitalista (...) parecem determinadas pela necessidade de apoiar com mais força, por todos os meios estatais, compulsivamente, um desenvolvimento *mais neoliberal* em profunda crise”. Para ele isso é uma deformidade: “*a força do autoritarismo é chamada em apoio à crise do liberalismo*”. Ou seja, o fascismo se apresenta “como a face dura do neoliberalismo”. O autor informa que o fascismo de hoje é reacionário também no campo político, diferente do fascismo dos anos 1920-30, que era relativamente progressista (“pseudo-keynesiano”). Tiburi (2016) alerta que no fascismo “é preciso exterminar a política para que o capitalismo no seu estilo selvagem (tendencialmente, sempre selvagem e bárbaro) se mantenha: poucos muito ricos, muitos explorados, outros tantos cada vez mais afundados na vida da miserabilidade”.

Negri informa que se antes “as constituições democráticas eram inadequadas para bloquear a crise da democracia, na situação atual favorecem a ascensão do fascismo, gerando corrupção”, pois “as modernas constituições democráticas foram organizadas num confronto dinâmico de interesses eventualmente fundidos à direita e à esquerda, entorno de um modelo de inimizade e com padrão de solução pacífica para isto, na hipótese de uma posição equilibrada dos interesses conflitantes”. Para ele, a globalização exigiu uma homogeneização da governança no âmbito global, requerendo para governar inserir nas constituições regras desenvolvidas pelas relações monetárias multinacionais das empresas no mercado global, eliminando substancialmente o confronto, mas esta fase acabou e a acentuação dos conflitos pela globalização leva a uma crise do que ele chama de “formas de *governance* demoliberais”, gerando as rupturas como “*America first, Brexit*” e agora “*Brazil first, Italia first*”, com incidentes que acabam com a democracia progressista e transformam os Estados, ainda mais em momentos de crise econômica.

Negri entende que com o enfraquecimento do poder estadunidense, que dava um certo equilíbrio global, o processo de escalada do fascismo se acelerou, se instalou, e se arma do neoliberalismo como



projeto para dominá-lo. O autor diz que o neoliberalismo se encontra numa situação desesperada, tendo deslocado ou rejeitado o antigo equilíbrio constitucional democrático; está agora exposto ao vazio e precisando de algo novo, o encontra em formas de autoritarismo e de fascismo renovados, recorrendo de instrumentos midiáticos, ideológicos e de difamar e destruir as forças que se opuserem. Antes eram os keynesianos e forças socialdemocratas, agora os chamados de “comunistas” e “bolivarianos”: “este fascismo fundado no vácuo ideológico qualifica-se como um falsificador da memória e restaurador reacionário de identidades passadas. Que seja um passado escravagista como nos EUA, importa; que seja um presente escravocrata, como no Brasil, isto preocupa ainda mais”.²⁹

Os neoliberais dizem, com sua fobia ao Estado e crítica ao keynesianismo, que há parentesco, de continuidade genética, do Estado administrativo, o Estado-providência, o Estado burocrático, o Estado fascista, o Estado totalitário, como se fossem todos de uma mesma árvore.³⁰ Foucault (2008) é contrário a essa crítica inflacionista do Estado, e sugere “a tese de que o Estado-providência, o Estado de bem-estar não tem nem a mesma origem do Estado totalitário, do Estado nazista, fascista ou stalinista”. Para ele “esse Estado dito totalitário não é, em absoluto, a exaltação do Estado, mas constitui, ao contrário, uma limitação, uma atenuação, uma subordinação da autonomia do Estado, da sua especificidade e do seu funcionamento próprio”. Conclui: “o que está atualmente em questão na nossa realidade não é tanto o crescimento do Estado ou da sua razão de Estado, mas antes o seu decrescimento”. Judt (2011) também segue essa linha: “governos fracos ou desacreditados demais para agir através de seus cidadãos estão mais propensos a conseguir seus objetivos por outros meios: extorsão, sedução, ameaça e em último caso coerção para fazer com que as pessoas obedeçam. A perda de propósito social articulado por meio de serviços públicos na verdade aumenta os poderes irrestritos do Estado todo-poderoso”, o que pode reduzir a sociedade ao pó da individualidade, com uma rede de fornecedores particulares, o que parece com a guerra de todos contra todos de Hobbes, na qual a vida de tantas pessoas tornou-se novamente solitária, pobre e muito revoltante.

²⁹ Lemke informa que enquanto para a Escola de Frankfurt existe uma conexão causal entre capitalismo e fascismo, para os ordoliberais (Escola de Freiburg) o nazismo foi o resultado da ausência de liberalismo, e a alternativa crucial não era entre o capitalismo e o socialismo, mas entre liberalismo e diferentes formas de intervencionismo estatal, como o socialismo soviético, o nazismo e o keynesianismo, pois todos, em diferentes graus, ameaçam a liberdade. LEMKE, Thomas (2001). ‘The birth of bio-politics’: Michel Foucault’s lecture at the Collège de France on neo-liberal governmentality’. *Economy and Society*. Volume 30. Number 2. 190-207. Ver ainda VALIM, Rafael. Estado de Exceção: a forma jurídica do neoliberalismo. São Paulo: Contracorrente, 2017.

³⁰ Friedrich August von Hayek entende que “o socialismo, tanto quanto o fascismo ou o comunismo, conduz ao estado totalitário e à destruição da ordem democrática”. HAYEK, Friedrich August von. Direito, legislação e liberdade: uma nova formulação dos princípios liberais de justiça e economia política. São Paulo: Visão, 1985, p. 157.

Se pensarmos no fascismo com as características do tradicionalismo, irracionalismo, recusa da modernidade, rejeição ao iluminismo, culto da ação sem reflexão ou crítica, guerra contra o inimigo e a diversidade, apelo às frustrações de uma sociedade despolitizada e com medo, apoio acrítico à hierarquia militar e ao líder que representa os anseios do povo sem intermediários, desdém pelas minorias políticas como os pobres, mulheres, negros, índios e homossexuais, defesa do povo armado, criminalização da política e dos políticos, e comunicação por meio de textos pobres em redes sociais sem a necessidade da imprensa, podemos estar vivendo uma escalada fascista no Brasil e diversas outras regiões do planeta.

Entretanto, há quem entenda que o “bolsonarismo” não é um fascismo clássico/histórico, mas no máximo um “fascismo rastaquera”. Para Villa (2020), na definição clássica de fascismo, o líder é carismático e com oratória, e Bolsonaro não teria essas características. Outra característica seria o nacionalismo, e o presidente brasileiro tem um discurso extremo oposto ao ser subserviente com os EUA. No fascismo italiano há referência histórica, da Roma antiga, o que não há na atual chefia do Executivo federal. No fascismo há partido e manifestações de massa, e Bolsonaro não tem partido e não consegue criar um novo partido, e não consegue a manifestação de massa. No fascismo há uma teoria e relação com o grande capital, e não é o caso do governo atual. No fascismo há uma relação com parte dos intelectuais (integralismo no Brasil contava com intelectuais), sendo que Bolsonaro tem aversão a intelectualidade. Culto da violência e das armas, falta de solidariedade social, classes-médias frustradas, busca de inimigos internos, reacionarismo contra a contemporaneidade, usa o medo nas redes sociais com fake news, confronto contra as instituições democráticas e contra a Constituição, seriam características fascistas do “bolsonarismo”.

II. CIDADES FASCISTAS

As mesmas características que podem caracterizar um país como fascista podem demonstrar o quanto uma cidade também pode ser fascista, autoritária e antidemocrática, ou pelo menos com uma tendência que essa sociedade tenha uma tendência maior a apoiar políticas fascistas. Uma cidade pode ser considerada fascista ao contar com um fascista na Chefia do Poder Executivo (Prefeito), quando os demais Poderes ou órgãos constituídos forem compostos majoritariamente por fascistas (Poder Judiciário, Poder Legislativo-Câmara Municipal, Tribunal de Contas, Ministério Público e Polícia), ou quando movimentos sociais fascistas ou milícias dominarem a política local.



Foi verificado no presente estudo que para a implementação do fascismo na Itália, os fascistas foram assumindo na força os governos municipais, mas nada impede que os fascistas assumam o Poder por meio de instrumentos formalmente democráticos, como eleições, concursos públicos, comissões de participação popular, etc., normalmente com o apoio da burguesia. Burgueses esses que num primeiro momento, seja por ingenuidade, analfabetismo político ou mau-caratismo apoiam o fascismo, para que os fascistas garantam os privilégios de classe da burguesia, com medidas neoliberais de privatizações, redução de direitos trabalhistas e eliminação dos adversários políticos do capital, mas que depois, acabam se arrependendo quando o fascismo vai contra os próprios interesses dessa burguesia.

Se utilizarmos as características do fascismo, segundo Eco (2018), podem existir cidades fascistas nas quais há culto da tradição (contrárias ao avanço do saber); tradicionalismo (contra a modernidade, o iluminismo, o racionalismo); a consideração de que qualquer desacordo é traição; medo da diferença, da diversidade e dos “intrusos”; apelo a uma classe-média em crise assustada pela pressão de grupos sociais subalternos; pregação contra os de fora da cidade (xenofobia) ou conspiradores de dentro; sentimento de humilhação pela força do “inimigo” e guerra permanente contra esse inimigo; elitismo popular/de massa, com desprezo pelos fracos; desdém pelas mulheres (machismo) e condenação intolerante a hábitos sexuais não conformistas (da castidade à homossexualidade); populismo qualitativo, pois os indivíduos enquanto indivíduos não têm direitos, o líder se apresenta como o intérprete da vontade comum do povo, que não age por ter perdido seu poder de delegar. Utilizando-se de Mann (2008), cidades cujas políticas de nacionalismo de limpeza e paramilitarismo miliciano, sem diversidade e com racismo, podem ser consideradas cidades fascistas. Aproveitando-se da análise de Stanley (2018), cidades fascistas contarão com ultranacionalismo ético, religioso ou cultural, com estratégias da política de um passado mítico, propaganda, anti-intelectualismo, irrealidade, hierarquia, vitimização, lei e ordem, ansiedade sexual, apelos à noção de pátria e desarticulação da união e do bem-estar público. Se pensarmos nos estudos de Fariñas Dulce e D'Ambroso (2020), cidades fascistas teriam a soma do fascismo e do neoliberalismo, com manipulação midiática do povo, controle de pensamento pela religião, militarização, *lawfare* e pós-verdade.

Características do fascismo apontadas por Pachukanis (2020) como o elitismo, aristocratismo, chauvinismo, nacionalismo, antissemitismo, estão presentes nas cidades brasileiras, mais especificamente em cidades da região sul, dos estados do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, com forte influência da colonização alemã e italiana, que acabam aceitando com mais naturalidade as ideologias fascistas e nazistas do século XX. Atualmente há cerca de 530 células nazistas no Brasil, com a



maioria delas e das denúncias de denúncias nazistas na região sul do Brasil, sendo que em 2019 havia 334 células (aumento de 58%), em 2015 75 células, e no início dos anos 2000 apenas 10 células. Em números absolutos São Paulo tem o maior número de células (51), seguida de Blumenau/SC (31) e Curitiba/PR (19).³¹

Se uma das características do fascismo é a existência de **paramilitarismo miliciano**, cidades com alto índice de milícias são tendentes a apoiar políticas fascistas e, inclusive, eleger políticos fascistas. O município do Rio de Janeiro tem 1/4 dos seus bairros dominados por milícias, sendo 60% do seu território.³² Mas as milícias estão organizadas em pelos menos 14 cidades do Estado do Rio de Janeiro,³³ assim como em cidades de pelo menos 15 estados brasileiros.³⁴ Esse aumento das milícias nas cidades brasileiras se deve muito ao Bolsonarismo, pois no governo federal atual há indivíduos que historicamente elogiaram a atuação dos grupos de extermínio milicianos.³⁵

Parte importante da população das cidades de São Paulo e do Rio de Janeiro aderiram ao Integralismo de **Plínio Salgado**, o fascismo brasileiro do século XX.³⁶ **Curitiba** também foi uma importante apoiadora do fascismo brasileiro, era chamada de “jardim verde” (a cor do Integralismo), sendo que 40 mil paranaenses eram integralistas e nas eleições de 1935 a cidade de Teixeira Soares elegeu o primeiro prefeito integralista brasileiro e Rebouças o segundo.³⁷ Nas eleições presidenciais de 1955, enquanto o Brasil elegia Juscelino Kubitschek (PSD), no Paraná a maior votação foi no conservador Adhemar de Barros (PSP), mas em Curitiba quem teve a maior votação foi Plínio Salgado (39,76%), ex-chefe nacional da Ação Integralista Brasileira (AIB), que depois da segunda guerra mundial e a derrota do nazismo e fascismo, participa da eleição pelo Partido de Representação Popular (PRP), com bastante votação também nas cidades de Londrina e Maringá e no oeste e sudoeste do Paraná, que tinha 152 municípios, sendo que o fascista obteve primeiro lugar em 18 cidades (como Ponta Grossa – segundo colégio eleitoral da época, Rio Negro, Cambé e Lapa) e o segundo em 25 municípios (como Londrina – terceiro colégio eleitoral da

³¹ Brasil vive escalada de grupos neonazistas e aumento de inquéritos de apologia do nazismo na PF - 14/08/2021 - Poder - Folha (uol.com.br). Acesso em 29.11.2021.

³² Milícias já dominam um quarto dos bairros do Rio de Janeiro, com quase 60% do território da cidade | Atualidade | EL PAÍS Brasil (elpais.com). Acesso em 10.03.2022.

³³ Milícias chegam a 26 bairros do Rio e a outras 14 cidades do estado - Jornal O Globo. Acesso em 10.03.2022.

³⁴ Não é só no Rio. Milícias estão em 15 estados de norte a sul do Brasil (metropoles.com). Acesso em 10.03.2022. Ver também Milícias se alastram por pelo menos 11 estados (jusbrasil.com.br). Acesso em 10.03.2022.

³⁵ Com bolsonarismo, Brasil convive com o risco de expansão das milícias pelo país - JOTA. Acesso em 10.03.2022.

³⁶ Sobre o tema ver DORIA, Pedro. Fascismo à brasileira - como o integralismo, maior movimento de extrema-direita da história do país, se formou e o que ele ilumina sobre o Bolsonarismo. São Paulo: Planeta, 2020; e O fascismo no Brasil | Super (abril.com.br). Acesso em 10.03.2022.

³⁷ Eu também fui integralista - Centro de Preservação da Memória do Ministério Público do Estado do Paraná (mppr.mp.br). Acesso em 10.03.2022.



época, Maringá, Araçongas, Rolândia, Jacarezinho e Cornélio Procopio).³⁸ Enquanto no Brasil e no mundo o integralismo, o fascismo e o nazismo eram abominados, o representante fascista nas eleições sagrou-se vencedor na capital paranaense. Mais recentemente, em 2010 Curitiba ganhou um núcleo integralista e em 2015, a capital do Paraná sediou a fundação de partido inspirado no fascismo e integralismo.³⁹

CONCLUSÃO

Fascismo é um movimento político, e quando assume o poder é um regime de governo, antidemocrático, ditatorial e totalitário, surgido na Itália pós-primeira guerra mundial, sob a liderança de Mussolini, alastrado para a Alemanha nazista de Hitler e vários países europeus e pelo mundo, inclusive com influência no Brasil no período entreguerras (Integralismo) e até os dias de hoje (Bolsonarismo, neofascismo, neonazismo). É uma ideologia não apenas conservadora e reacionária, mas contrária ao Iluminismo, ao Renascimento, à modernidade, ao cosmopolitismo, ao racionalismo, ao liberalismo político e a todas as conquistas advindas dos ideais civilizatórios gregos e romanos antigos, às conquistas revolucionárias burguesas, ao republicanismo, aos direitos fundamentais individuais e sociais e direitos humanos, aos ideais de igualdade e liberdade substanciais, à fraternidade, à democracia liberal e à democracia social (autoritarismo), e à ciência (pela tradição e pelo passado, contra mudanças, e pela ação pela ação, sem reflexão); sendo uma ideologia que nunca será evolucionária (reformista) e muito menos revolucionária, pois defende a manutenção do *status quo*.

O fascismo defende uma nação de privilegiados sem a interferência dos inimigos dessa nação, que são as minorias políticas, como as mulheres, negros, indígenas, gays, pobres, deficientes, imigrantes e refugiados, defensores de ideologias de esquerda e centro-esquerda ou pessoas com pensamentos religiosos diferentes dos seus. Defende a liderança de apenas um chefe, o “salvador da pátria”, acima das instituições, sem a divisão de poderes com os demais poderes ou órgãos de controle, estados/províncias/municípios, partidos políticos, oposição, imprensa ou sociedade civil organizada (ONGs, OSCs, conselhos populares, terceiro setor, etc.), um Estado integral sem diversidade (contra o

³⁸ Plínio Salgado teve 28.931 votos, Adhemar de Barros 18.858, Juarez Távora 11.877 e Juscelino Kubitschek 11.363 votos. SZVARÇA, Décio Roberto; CIDADE, Maria Lúcia. 1955: o voto “verde” em Curitiba. In: História: questões e debates. Curitiba, Ano 10, números 18 e 19, junho e dezembro de 1989, pp. 181-211. In: 1989_szvarca_voto_verde_curitiba.pdf (tse.jus.br). Acesso em 10.03.2022.

³⁹ Curitiba ganha núcleo integralista (gazetadopovo.com.br). Acesso em 10.03.2022. Curitiba sedia fundação de partido inspirado no fascismo e integralismo - Política em Debate - Bem Paraná (bemparana.com.br). Acesso em 10.03.2022.



diálogo ou discordâncias que nos fazem crescer). O fascismo ataca a coletivização dos meios de produção e defende um capitalismo radical nos moldes do neoliberalismo, com um Estado **mínimo** na prestação de serviços públicos, na taxação dos ricos, privatizações (nacionalismo entreguista e colonizado), na intervenção da economia e nos gastos sociais para fins de redução de desigualdades e garantia de liberdades reais, e um Estado **máximo** policial por meio do aparato policial, forças armadas e milícia paramilitar para limitação, extermínio ou prisão de seus inimigos, como sindicatos de trabalhadores, políticos contrários ao fascismo e as minorias políticas, e forte também para garantir o lucro do grande capital.

Para atingimento dos seus objetivos o fascismo defende que os privilegiados e seus defensores sejam armados, limitação do poder da Suprema Corte do país (se essa não decide conforme seus interesses), lançamento de notícias falsas (*fake news*), golpes militares, guerras contra nações inimigas, ataques aos artistas e à ciência, desrespeito a resultados eleitorais contrários, punitivismo contra inimigos-diferentes e proteção aos amigos-iguais. O fascismo cresce mais facilmente entre as massas desiludidas, insatisfeitas, desesperançosas e analfabetas políticas em sociedades em crises econômicas com as conquistas civilizatórias em baixa, humilhados por quem tem mais poder financeiro, político, intelectual ou de sedução (inclusive com ansiedade sexual com receio de que os diferentes contaminem sua nação), inclusive em setores mais privilegiados, mas com receio de perderem poder para pobres, mulheres, negros e indígenas, gays, deficientes, adversários políticos e pessoas com religiões diferentes das suas (assustados pela pressão de grupos sociais subalternos). Assim como o neoliberalismo, em um primeiro momento, o fascismo acaba sendo defendido também por suas vítimas. Mas claro que há graus diferentes de fascismo, sendo que nem todos os regimes e movimentos fascistas contêm todas essas características.

Os movimentos fascistas que podem transformar um país em um Estado sob regime de governo fascista, podem também caracterizar uma cidade como fascista, ou pelo menos com tendência fascista, caso seus dirigentes sejam fascistas (prefeitos, vereadores, juízes, policiais, promotores, etc., independentemente de como entraram no poder, por eleições, concurso público ou a força), ou tenham uma sociedade fascista, incluindo seus movimentos sociais, milícias paramilitares, imprensa e igrejas.

Por mais que o fascismo faça um culto ao passado e ao interior, grandes cidades como São Paulo e Rio de Janeiro, mesmo sendo mais desenvolvidas e cosmopolitas, não estiveram e não estão livres de movimentos fascistas, assim como cidades mais conservadoras e reacionárias de todas as regiões do país,

mas em especial na região sul, como Curitiba e Blumenau, entre outras, onde movimentos fascistas e nazistas foram fortes na história e ainda são nos dias de hoje.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AB'SÁBER, Tales. Michel Temer e o fascismo comum. São Paulo: Hedra, 2018.

AGAMBEN, Giorgio. Estado de exceção. São Paulo: Boitempo, 2004.

ALBRIGHT, Madeleine. Fascismo: um alerta, 3ª ed. São Paulo: Planeta, 2018.

ALMEIDA, Fernando Dias Menezes de. As vulnerabilidades da Democracia brasileira. Paineis 3 do XXVIII Encontro Nacional de Direito Constitucional, na faculdade de Direito de Ribeirão Preto (FDRP USP), em 19.09.2019. In: <https://youtu.be/jrFwC2qnCSU>. Acesso em 02.12.2020.

ALMEIDA, Fernando Dias Menezes de. O corpo de doutrina jurídico da Revolução de 1932 e sua influência sobre o regime constitucional brasileiro de 1934. In: MOTA, Carlos Guilherme; SALINAS, Natasha S. C. (Coord.). Os juristas na formação do Estado-Nação brasileiro (de 1930 aos dias atuais). São Paulo: Saraiva, 2010, p. 159-194.

ARENDT, Hannah. A condição humana, 10ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.

ARENDT, Hannah. Origens do totalitarismo. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

BOBBIO, Norberto. Dicionário de Política, 12ª ed. Brasília: Universidade de Brasília, 2004.

BONAVIDES, Paulo. Ciência Política, 23ª ed. São Paulo: Malheiros, 2016.

Brasil vive escalada de grupos neonazistas e aumento de inquéritos de apologia do nazismo na PF - 14/08/2021 - Poder - Folha (uol.com.br). Acesso em 29.11.2021.

BUENO, Roberto. Introdução ao pensamento e à obra de Carl Schmitt. Youtube do Sistema de Justiça e Estado de Exceção, Grupo de pesquisa Sistema de Justiça e Estado de Exceção da PUC/SP, do professor responsável Pedro Serrano. 10.08.2020.

CALDAS, Camilo Onoda. Teoria Geral do Estado. São Paulo: Ideias & Letras, 2018.

CARDOSO, Pedro. Pedro Cardoso Eu Mesmo: em busca de um diálogo contra o fascismo brasileiro. Rio de Janeiro: Record, 2019.

CASARA, Rubens R. R. Apresentação. In: TIBURI, Marcia. Como conversar com um fascista, 6ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2016.

Com bolsonarismo, Brasil convive com o risco de expansão das milícias pelo país - JOTA. Acesso em 10.03.2022.



COSTA, Marcelo Timotheo da. Deus é de direita? Alceu Amoroso Lima encontra a Escola de Teologia do Saulchoir. In: PARADA, Maurício (Org.). *Fascismos: conceitos e experiências*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2008, pp. 233-258.

Curitiba ganha núcleo integralista (gazetadopovo.com.br). Acesso em 10.03.2022.

Curitiba sedia fundação de partido inspirado no fascismo e integralismo - Política em Debate - Bem Paraná (bemparana.com.br). Acesso em 10.03.2022.

DALLARI, Dalmo de Abreu. *Elementos de Teoria Geral do Estado*, 2ª ed. São Paulo: Saraiva, 1998.

DE FELICE, Renzo. *Explicar o fascismo*. Edições 70, 1976. Outra obra essencial sobre Mussolini é SCURATI, Antonio. *O filho do século*. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2019.

DORIA, Pedro. *Fascismo à brasileira - como o integralismo, maior movimento de extrema-direita da história do país, se formou e o que ele ilumina sobre o Bolsonarismo*. São Paulo: Planeta, 2020.

DULCE, María José Fariñas; D'AMBROSO, Marcelo José Ferlin. *Neofascismo e o capitalismo do 1%*. São Paulo: Tirant lo Blanch, 2020.

ECO, Humberto. *O fascismo eterno*. Rio de Janeiro: Record, 2018.

Eu também fui integralista - Centro de Preservação da Memória do Ministério Público do Estado do Paraná (mppr.mp.br). Acesso em 10.03.2022.

FALASCA-ZAMPONI, Simonetta. Fascismo e estética. In: PARADA, Maurício (Org.). *Fascismos: conceitos e experiências*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2008, pp. 45-66.

FALCON, Francisco José Calazans. Fascismo – novas e antigas ideias. In: PARADA, Maurício (Org.). *Fascismos: conceitos e experiências*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2008, pp. 11-28.

FERRAZ JÚNIOR, Tércio Sampaio. Constituição Brasileira: modelo de Estado, Estado Democrático de Direito, objetivos e limites jurídicos. In: *Constituição Brasileira*, p. 63-83.

FERREIRA, Bernardo. Sob o véu de fórmulas inalteradas: o conceito de Estado Total em Carl Schmitt. In: PARADA, Maurício (Org.). *Fascismos: conceitos e experiências*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2008, pp. 101-123.

FIGUEIREDO, Marcelo. *Teoria Geral do Estado*, 2ª ed. São Paulo: Atlas, 2001.

FOUCAULT, Michel. *Nascimento da biopolítica*. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

GANSEL, Dennis. *A onda*. Filme, Alemanha, 2008.

GANSEL, Dennis. *Nós somos a onda*. Séria da Netflix, Alemanha, 2020.

GENTILE, Giovanni. *Origini e dottrina del fascismo*. Quaderni dell' Istituto nazionale fascista di cultura. Libreria del Littorio, 1990. Ver também GENTILE, Emilio. *Quem é fascista?* Guerra & Paz, 2019.



GRAMSCI, Antonio. Cadernos do cárcere. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999. Sobre Gramsci e o fascismo ver SEMERARO, Giovanni. Gramsci e a sociedade civil: cultura e educação para a Democracia, 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

HAYEK, Friedrich August von. Direito, legislação e liberdade: uma nova formulação dos princípios liberais de justiça e economia política. São Paulo: Visão, 1985.

HITLER, Adolf. Minha luta. São Paulo: Centauro, 2001.

HORTA, Fernando. Decifrando o fascismo. Youtube do Ópera Mundi. Aula de 30.06.2020.

JUDT, Tony. O mal ronda a terra: um tratado sobre as insatisfações do presente. Rio de Janeiro: Objetiva, 2011.

LEMKE, Thomas (2001). 'The birth of bio-politics': Michel Foucault's lecture at the Collège de France on neo-liberal governmentality'. *Economy and Society*. Volume 30. Number 2. 190-207.

LEVITSKY, Steven; ZIBLATT, Daniel. Como as democracias morrem. Rio de Janeiro: Zahar, 2018.

LEWANDOWSKI, Enrique Ricardo. Apresentação. In: LEWANDOWSKI, Enrique Ricardo (Coord.). A influência de Dalmo Dallari nas decisões dos tribunais. São Paulo: Saraiva, 2011, p. 9-14.

LEWANDOWSKI, Enrique Ricardo. Globalização, regionalização e soberania. São Paulo: Juarez de Oliveira, 2004.

LEWANDOWSKI, Enrique Ricardo. Pressupostos materiais e formais da intervenção federal no Brasil, 2ª ED. Belo Horizonte, 2018.

MAGALHÃES, Juliana Paula. Orelha. In: PACHUKANIS, Evguiéni B. Fascismo. São Paulo: Boitempo, 2020, orelha.

MAGALHÃES, Mário. Marighella: o guerrilheiro que incendiou o mundo. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

MANN, Michael. A ascensão e a queda do fascismo. In: PARADA, Maurício (Org.). Fascismos: conceitos e experiências. Rio de Janeiro: Mauad X, 2008, pp. 29-43.

MASCARO, Alysson Leandro. Prefácio. In: PACHUKANIS, Evguiéni B. Fascismo. São Paulo: Boitempo, 2020, p. 9-24.

MASCARO, Alysson; MAGALHÃES, Juliana Paula. Fascismo, de Pachukanis. Youtube da TV Boitempo. 05.11.2011. In: <https://www.youtube.com/watch?v=-aKEXFQiWoc>, acessado em 04.01.2021.

Milícias chegam a 26 bairros do Rio e a outras 14 cidades do estado - Jornal O Globo. Acesso em 10.03.2022.

Milícias já dominam um quarto dos bairros do Rio de Janeiro, com quase 60% do território da cidade | Atualidade | EL PAÍS Brasil (elpais.com). Acesso em 10.03.2022.

Milícias se alastram por pelo menos 11 estados (jusbrasil.com.br). Acesso em 10.03.2022.



MORAES, Luís Edmundo de Souza. O NSDAP no Brasil: problemas de pesquisa. In: PARADA, Maurício (Org.). Fascismos: conceitos e experiências. Rio de Janeiro: Mauad X, 2008, pp. 201-231.

MOSSE, George. A Crise da Ideologia Alemã: origens intelectuais do Terceiro Reich.

MURGIA, Michela. Instruções para se tornar um fascista. Belo Horizonte: Ayiné, 2019.

MUSSOLINI, Benito. Fascismo: a doutrina. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2019.

Não é só no Rio. Milícias estão em 15 estados de norte a sul do Brasil (metropoles.com). Acesso em 10.03.2022.

NEGRI, Antonio. Primeiras observações sobre o desastre brasileiro: o caminho democrático para o fascismo. Revista Cult em 29.11.2018. In: <https://revistacult.uol.com.br/home/>. Acesso em 08.02.2019.

O fascismo no Brasil | Super (abril.com.br). Acesso em 10.03.2022.

ORWELL, George. O que é fascismo? E outros ensaios. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

PACHUKANIS, Evguiéni B. A crise do capitalismo e as teorias fascistas do Estado. In: PACHUKANIS, Evguiéni B. Fascismo. São Paulo: Boitempo, 2020, p. 63-87.

PACHUKANIS, Evguiéni B. Como os sociais-fascistas falsificaram os soviets na Alemanha. In: PACHUKANIS, Evguiéni B. Fascismo. São Paulo: Boitempo, 2020, p. 89-117.

PACHUKANIS, Evguiéni B. Fascismo. In: PACHUKANIS, Evguiéni B. Fascismo. São Paulo: Boitempo, 2020, p. 57-61.

PACHUKANIS, Evguiéni B. Fascismo. São Paulo: Boitempo, 2020. PACHUKANIS, Evguiéni B. Para uma caracterização da ditadura fascista. In: PACHUKANIS, Evguiéni B. Fascismo. São Paulo: Boitempo, 2020, p. 25-55.

PACHUKANIS, Evguiéni B. Para uma caracterização da ditadura fascista. In: PACHUKANIS, Evguiéni B. Fascismo. São Paulo: Boitempo, 2020.

PARADA, Maurício. Das cinzas ao paraíso: o fascismo austríaco e a trajetória de Otto Maria Carpeaux. In: PARADA, Maurício (Org.). Fascismos: conceitos e experiências. Rio de Janeiro: Mauad X, 2008, pp. 259-269.

POLANYI, Karl. Sobre o fascismo. Editora Terra sem Amos.

PRONER, Carol. Prólogo. DULCE, María José Fariñas; D'AMBROSO, Marcelo José Ferlin. Neofascismo e o capitalismo do 1%. São Paulo: Tirant lo Blanch, 2020.

PRONER, Carol; CITTADINO, Gisele; RICOBOM, Gisele; DORNELLES, João R. (Org.). Comentários a uma sentença anunciada: o processo Lula. Bauru: Canal 6 Editora, 2017.

RANIERI, Nina. Teoria do Estado: do Estado de Direito ao Estado Democrático de Direito, 2ª ed. Barueri: Manole, 2019.



- REICH, Wilhelm. *Psicologia de massas do fascismo*, 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- SCARRONE, Marcello. Entre a guerra e a paz. In: PARADA, Maurício (Org.). *Fascismos: conceitos e experiências*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2008, pp. 171-200.
- SCHMITT, Carl. *La Dictadura. Desde los comienzos del pensamiento moderno de la soberania hasta la lucha de classes proletária*. Alianza Editorial Textos, Madrid, 2009.
- SILVA, Francisco Carlos Teixeira da. *Cultura operária e resistência antifascista no ocaso da República de Weimar (1919-1933)*. In: PARADA, Maurício (Org.). *Fascismos: conceitos e experiências*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2008, pp. 125-169.
- SILVA, José Afonso da. *Curso de Direito Constitucional Positivo*, 25ª ed. São Paulo: Malheiros, 2005.
- STANLEY, Jason. *Como funciona o fascismo: a política do “nós” e “eles”*. Porto Alegre: L&PM, 2018.
- STRASSER, Todd. *A onda*. São Paulo: Record, 2020.
- STRECK, Lenio Luiz; MORAIS, José Luis Bolzan de. *Ciência Política e Teoria Geral do Estado*, 8ª ed. Porto Alegre: Livraria do Advogado, 2014.
- SUANZES-CARPEGNA, Joaquín Varela; SARASOLA, Ignacio Fernández. *Leis fundamentais e democracia orgânica (aproximação ao ordenamento jurídico-político franquista)*. In: PARADA, Maurício (Org.). *Fascismos: conceitos e experiências*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2008, pp. 67-100.
- SZVARÇA, Décio Roberto; CIDADE, Maria Lúcia. 1955: o voto “verde” em Curitiba. In: *História: questões e debates*. Curitiba, Ano 10, números 18 e 19, junho e dezembro de 1989, pp. 181-211. In: 1989_szvarca_voto_verde_curitiba.pdf (tse.jus.br). Acesso em 10.03.2022.
- TIBURI, Marcia. *Como conversar com um fascista*, 6ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2016.
- TOGLIATTI, Palmiro. *Lições sobre o fascismo*. São Paulo: Ciências Humanas, 1978.
- TOMELIN, Georghio. *O Estado Jurislador*. Belo Horizonte: Fórum, 2018.
- TRÓTSKI, Leon. *Fascismo: o que é e como combatê-lo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2019. TROTSKY, Leon. *Os pactos de Stálin com Hitler*. Sobrado Verde, 2013.
- VALIM, Rafael. *Estado de Exceção: a forma jurídica do neoliberalismo*. São Paulo: Contracorrente, 2017.
- VILLA, Marco Antonio. *Bolsonaro e o fascismo rastaquera*. Youtube. 11.07.2020.
- VIOLIN, Tarso Cabral. *Democratização dos Meios de Comunicação: Estado, Direito e Políticas Públicas*. Porto Alegre: Fi, 2020.
- VIOLIN, Tarso Cabral. *Terceiro Setor e as Parcerias com a Administração Pública: uma análise crítica*, 3ª ed. Belo Horizonte: Fórum, 2015.

VIOLIN, Tarso Cabral; MACHADO, Isabele Amorim. O fim da democracia e a escalada para o fascismo. In: Eduardo Bordas; Edgar Guimarães; Justo Reyna; Emerson Gabardo. (Org.). A existência digna e a Administração Pública do Século XXI. 1ed. Curitiba: Íthala, 2019, v. 1, p. 179-191.

WEBER, Max. A política como vocação. In: WEBER, Max. Ciência e Política: duas vocações. São Paulo: Martin Claret, 2004.

WEBER, Max. Economia e sociedade, 4ª ed. Brasília: UnB, 2000.

ZETKIN, Clara. Como nasce e morre o fascismo. São Paulo: Autonomia Literária, 2019.

Sobre o autor:

Tarso Cabral Violin

Advogado. Pós-Doutorando em Direito do Estado pela Faculdade de Direito do Largo de São Francisco (USP), sob Supervisão do Professor Titular Enrique Ricardo Lewandowski. Vice-Coordenador do Núcleo de Pesquisa em Direito do Terceiro Setor e Políticas Públicas do Programa de Pós-Graduação em Direito da Universidade Federal do Paraná. Doutor em Estado, Economia e Políticas Públicas pela UFPR, com tese aprovada com louvor sobre a Democratização dos Meios de Comunicação, em banca com o Prof. Dr. Celso Antônio Bandeira de Mello. Mestre em Direito do Estado pela UFPR, com dissertação aprovada com nota máxima sobre as Parcerias entre Administração Pública e Terceiro Setor, sob orientação do Prof. Dr. Romeu Felipe Bacellar Filho. Professor Titular de Direito Administrativo, Direito Constitucional e Teoria Geral do Estado do Centro Universitário Campos de Andrade.

Universidade Federal do Paraná - UFPR, Curitiba, PR, Brasil

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4779417195636005>

E-mail: tarsocv@gmail.com

